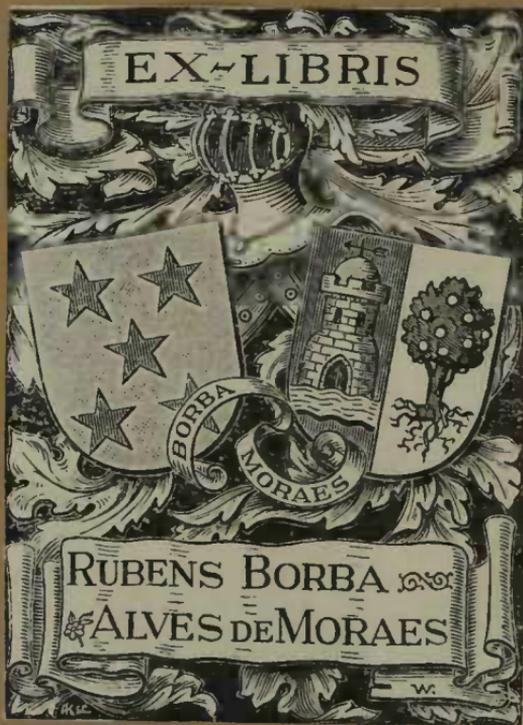


EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

LEITURAS POPULARES

EDITOR—DIAS DA SILVA JUNIOR

MEMORIAS

DE UM

SARGENTO DE MILÍCIAS

(ROMANCE DE COSTUMES BRAZILEIROS)

POR

M. A. de Almeida

PRECEDIDO DE UMA INTRODUÇÃO LITTERARIA

POR

Bethencourt da Silva

PRIMEIRO VOLUME



RIO DE JANEIRO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA—CARIOCA

145 a 147 Rua Theophilo Ottoni 145 a 147

1876

A

BETHENCOURT DA SILVA.

Guilherme Bellegarde:

QUINTINO BOCAYUVA.

A ESTA TRINDADE INGENTE

Pelo fino quilate da amizade,

Pelo entusiasmo patriótico.

Pelo estremado amor ao trabalho.

DEDICA

O EDITOR

MANOEL ANTONIO D'ALMEIDA



Curvado de respeito ante a memoria illustre de Manoel Antonio d'Almeida, de cujo preclarissimo talento, character nobre e generoso espirito vou tratar neste momento, sinto-me desalentado....

No intimo do coração já envelhecido despertão-se-me as saudades ; e minha alma recordando a aurora d'aquella vida de entusiasmo e crenças, lêdo poetar de fé nas louras phantasias em que vivi com elle, occupado nas aspirações do ideal que nos aproxima do céo em arroubos estremecidos de seducções imaginosas, ou antes nas perspectivas de uma eterna glorificação, ainda verte as lagrimas amargas da nostalgia, que a ausencia da terra que adoramos jamais estanca, nas organizações sensiveis.

II

Os verdes annos da minha juventude, que lá vai ao longe, rapida e precursora da noite eterna que se me avesinha, passei-os ao seu lado. Eram-nos communs os desejos, os risos e os folguedos; a elle me sentia unido por essa *sympathia* inexplicavel que lhe attrahia todas as affeições.

Estudando a seu lado, sentindo com elle, no que havia de mais intimo e santo, revia-me na lucidez d'aquelle espirito sublime, na candura d'aquella alma immaculada.

O seu talento, esse superior attributo de dizer as cousas com uma dicção de novidade, facil e correcta, com belleza, com ternura e graça, ingenito condão das naturezas harmoniosas; a palavra facil e correcta, uma languidez imperturbavel na sua *physionomia* sempre placida, um — *que* — dessa expressão intertropical, que tão bem caracteriza a nossa indole; alguma cousa de indifferença para o que se passava ao derredor de si, constituia-o de certo um *typo* especial que a mocidade estudiosa, das letras e das artes distinguia, apreciava e amava sob o nome querido de *Manéco Almeida*, carinhoso epitheto porque o tratava aquella que lhe fôra mãe, para ser o seu amparo no mundo....

Santa e nobre creatura!... Educando-o, vassara-lhe n'alma toda a amenidade de seu doce trato, todo o affecto de seu magnanimo coração.

N'aquelle lar, modesto e pobre, havia lugar para todos. Os amigos, quasi irmãos, de Manoel Antonio d'Almeida, não sabião qual era a sua melhor casa materna. Ella era mãe para todos.. Que o seu nome fique aqui conservado nestas paginas, que escrevo com a mão tremula de uma emoção intima, como um tributo do muito que devo a D. Josephina Maria d'Almeida.

Nas visões do nosso juvenil enthusiasmo, a divinizar amores, que se imaginavão eternos, por que erão puros, quantas vezes, ao lado do já então notabilissimo Manoel Antonio Duarte d'Azevedo, hoje elevado ao fastigio das posições sociaes; em um mundo de crueis desillusões e de Domingos Jacy Monteiro, que tambem era para elle um como irmão, encetavamos nossos torneios litterarios, especie de desafio, em que a melhor palma era sempre d'elle; o juiz, o censor e o mestre que por tal o havíamos acclamado no calor dos nossos devaneios litterarios.

A estes, que não podia separar como primeiros, juntavão-se tambem outros, que por ahi vão, como nós, recordando sempre com saudade, aquelle bom irmão que perdemos no dia 28 de Novembro de 1861, por occasião do inconcebivel naufragio do vapor «Hermes», nas pedras desconhecidas dos mares de Macahé.

A 17 de Novembro de 1831, nascera Manoel

IV

Antonio d'Almeida nesta cidade de S. Sebastião, que já antes se orgulhava de haver sido o berço de S. Carlos e de Mont'Alverne ; de Magalhães e de Dutra e Mello ; de Antonio Ferreira Pinto e de Laurindo Rebello : como elle, todos grandes pelas letras e pelo talento tantas vezes provado nos fecundos recursos da fervida omnipotencia de suas productoras phantasias.

* Semelhante ás estrellas e ás flôres que vemos todos os dias com indiferença, sem nos admirarmos de sua belleza, nem pensarmos como o céu e o campo serião ermos e tristes, se umas e outras desaparecessem para sempre, Manoel Antonio d'Almeida, existio entre nós por demais abandonado, até que a sua morte, arrancando-nos aquella luz brilhante e ignivoma, fez-nos conhecer a immensidade da perda pelo irremediavel da falta !

Tão dolorosa noticia espalhada nesta cidade sempre condoida para todos os infortunios, inspirou ao illustre redactor do *Mercantil*, em 5 de Dezembro de 1861, o Sr. Dr. Francisco Octaviano, a seguinte noticia :

« Na lista dos naufragos que escaparam do desastre, não encontramos o nome de um, nosso irmão de letras, o Dr. Manoel Antonio d'Almeida, que tambem se achava como passageiro

no vapor. Esse digno fluminense, estimado geralmente nesta Corte, parece que foi uma das victimas do fatal successo do dia.

« Dotado de um talento extraordinario, Almeida advinhava com alguns momentos de attenção tudo o que não estudára ; e escrevia sobre assumptos examinados de relance como se de longo espaço os tivesse aprofundado.

« Apesar de sua imaginação ardente, tinha um estylo rapido e conciso, de sorte que os seus artigos eram admiraveis pela sobriedade da phrase, abundancia da idéa e belleza da fórma.

« Se a agitação de sua vida não a houvesse desviado da imprensa, Almeida podia ter sido o mais illustre de nossos jornalistas. Mas esse infeliz mancebo arcando com a pobreza e tendo de prover á subsistencia e futuro de suas irmãs, viu-se obrigado a deixar a carreira de sua predilecção, que poucos lucros offerece, roubando entretanto o melhor do tempo, o socego de espirito e até mesmo as amizades irritadiças.

« Ha um anno que elle vivia como que em desespero, e já desanimava dos homens e de si proprio. A viagem queprehendera era ainda um exforço contra o máo destino : foi o ultimo ; parece que elle pode dizer como Alfieri :

« Finalmente descanso. »

Lutando por desusado esforço com os emba-

VI

raços inherentes da pobreza, especie de pedra de toque em que se afinam as faculdades imperiosas do genio dos poetas e dos artistas, Manoel Antonio d'Almeida que só recebeu de seus maiores os bons exemplos da virtude, tinha estudado preparatorios, e tambem um pouco de desenho de figura na Academia das Bellas-Artes, quando, sentindo dentro em si aquelle fogo sagrado que, elevando o homem ás altas conquistas da intelligencia, une a creatura ao creador, votou-se com todo o ardor da sua rara intelligencia aos estudos da medicina, recebendo o annel de doutor em 1833.

Para alcançar esta honra scientifica, obedecendo aos febris impulsos da sua vontade, ás vezes impetuosa outras vezes suspensa entre a duvida do desejo e do malogro, falleceram-lhe os mais indispensaveis e insignificantes meios.

A bella alma de sua mãe partira para o céo, deixando-o sem recursos; para tanta dôr, ficara-lhe apenas, como esforço supremo, aquella doce consolação de sentir-se amado de seu irmão mais velho e de duas irmãs que elle estremecia com razão, como se fôra pai e como amigo.

O *Correio Mercantil* que n'aquelle tempo representava ainda um resto de patriotismo e desse amor da patria, não movido de premio vil, de que

fallou o poeta, era o abrigo dos homens de letras que alli se reuniam e extreavam, annunciando-se ao paiz, valentes soldados da civilisação e amigos da liberdade....

Em tão boa companhia era de razão que apparecesse aquelle prodigioso e formosissimo talento; e apenas conhecido, abriram-se-lhe todos os braços e todos os corações.

Ao bom e venerando Sr. Dr. Joaquim Alves Branco Muniz Barreto, especie de spartano, que a enfermidade afastou das lides do seu extremo labor, deveu Manoel Antonio d'Almeida a sua entrada no mundo da imprensa jornalística, e as doces esperanças que o generoso character de Muniz Barreto inspirava a toda a mocidade que o via e respeitosa o admirava.

Foi pois nesta folha que appareceu Almeida como escriptor, tendo até então apenas collaborado com alguns amigos nos *Harpejos poeticos*, no *Guaracinga*, e no *Guaraciaba*.

Manejando facilmente os raros dotes de sua fertilissima aptidão, todos os trabalhos litterarios lhe eram familiares, quer poetasse em doces endeixas, n'um estylo facil e amenissimo, quer se lançasse em mais vasto horisonte, escrevendo analyses de criticas litterarias; quer historiando factos de subido alcance, quer ainda no brin-

VIII

quedo de collaborações humorísticas ou na travessura do gracejo politico, ou nas lutas acerbadas e infinitas da imprensa, em escriptos perdidos ora aqui ora alli, Manoel d'Almeida foi sempre original e unico.

Nos seus trabalhos, se não ha um estylista burilador de phrases primorosas, desses labores que recordam as obras de Benevenuto Cillini; se não ha nelles um collorido como o de Ticiano, ha um—cunho—de simpleza desprentenciosa, de atticismo limpido e mavioso que constitue, de um modo especial, o typo do seu multiplice talento, sempre livre da bombasticidade retumbante dos desprovidos de imaginação e de natureza.

Em um livro intimo que me recorda os dias da mocidade, especie de sacrario que guardo religiosamente das vistas dos que não crêem na profundeza da adoração, nem no infinito da bemaventurança; e que rir-se-iam do culto da poesia e do amor com que ás vezes ainda povôo a solidão da minha vida de operario, constituindo-o por si só o affecto, o symbolo eterno e aurifulgente de minha alma impetuosa e sensível, escreveu elle este idyllio suspiroso e apaixonado :

Escuta !

Escrevo para ti pensando n'ella.
(DR. ERNESTO).

Escuta, virgem : tens um riso de anjo,
Que infundê n'alma singular quebranto ;
Béllo qual sonho que na doce infancia,
Nos roça a mente no dormir de rosas.

Escuta ainda :— teu olhar fagueiro,
Espelho ingenuo dê tu'alma pura,
Semelha o lago que tranquillo e manso,
Mostra no fundo ás perólas lustrosas !

Mas eu não quero que me infundas n'alma
Doce quebranto de teu riso d'anjo ;
Mas eu não quero que me dês fagueiro,
Volver donoso de teus lindos olhds.

Que se me déras um teu doce riso,
Que se me déras um olhar dos teus,
Podéra cego, desvairado e louco,
Morrer do gozo de ventura tanta.

Tambem não quero aventurada rosa
Que entre teus dedos, amorosa, afagas,
Que deschudada, por teus labios passas,
È que perfumas de teus doces beijos !

X.

Quero sómente que uma vez na vida,
Digas meu nome ; — que me dê já murcha
A triste flor que desbotada arrancas
De teus cabellos e que ao chão árrojas....

Quero sómente que por meu sepulchro
Um dia passes; que meu nome leias....
Que, — amou-me — digas ; isto só me basta
Por premio cáro de um amor tamanho.

Rio — 1851.

Neste periodo de imaginoso poetisar, que para mal de nós passou rapido, semelhante a rio em despenhada e impetuosa catadupa, produzio Manoel d'Almeida cousas primorosas pelo acerto, pela graça, e pela brandura de sua desassombrada e placida phantasia.

Nas páginas menores, *Correio Mercantil* de 1854, titulo de mimosos folhetins em que collaboraram José d'Alencar, Francisco Octaviano, Henrique Muzzio, o poeta Vassourence (actual visconde de Araxá)— escreveu Manoel d'Almeida— *A Phisiologia da Voz.*— *O Nome.*— *O Rio*— *As Flôres e os Perfumes.*— *As moletas de Xisto V.* — *Uma historia triste* e duas poesias: *Notas sem écho e Amor de criança*,— da qual extrahimos a seguinte estrophe :

Aquelle amor foi a crença
 Mais doce da 'minha vida...
 Tive outras depois.... Nenhuma
 Chorarei de ver perdida,
 Enquanto dure a lembrança
 D'aquelle amor de creança. »

Era assim delicado em tudo quanto produzia aquella admiravel e querida intelligencia. Não a cegava esses arrebatamentos vulcanicos, aquella desasizado atropello de imagens tetricas, assombrosas e terrificas de que revestem as suas obras muitos dos nossos escriptores.

A sua musa casta e perigrina, se ás vezes se perdia nas neblinas transparentes de um segredo que mal ou pouco se comprehendia, era sempre vestida das alvas roupas das vestaes com que outr'ora se alindava a seductora e opulenta musa de Bernardim Ribeiro e de Lamartine.

Mina de inesgotavel sensibilidade, thesouro inexaurivel de um grande talento, jardim de eterna primavera quanto lá foi perdido nesse golphão de innumeradas riquezas, de perolas e coraes que tambem foi o vasto cemiterio de Antonio Gonçalves Dias !

A andorinha é dos ares ; e sua alma, chrysalida gentil, irmã dos anjos não viera a terra se não para subir radiosa e pura aos pés do Creador.

XII

Ao perpassar do tempo por cima de sua existencia de homem, os annos não lhe deixavam na expressão do seu sentir, aquelle sabor amargo que nos surge involuntariamente á flôr dos labios, quando o odio immerecido de uns, a injustiça de outros e a inveja de muitos nos inverte todos os actos, nos perturba todos os prazeres, nos calumnia todas as virtudes!...

Se no vigor do trabalho a penna adestrada do escriptor, resvalando do terreno da producção propria para o areal pallido e frio da critica, volvia-se, por instantes no estilete da analyse, a sua palavra amena e distincta não vinha envolvida no veneno destruidor da mordacidade que o mais das vezes se unge com o fel de um orgulho mal entendido, nem encandecida no furor da cruenta linguagem de uma guerra implacavel áquelles que militam fóra dos arraiaes de sua grei.

Em Manoel Antonio de Almeida, no mimoso folhetinista do *Mercantil*, no inspirado vidente do futuro, no cantor melancolico da poesia enamorada, melhor do que em ninguem, se verificou aquella viridica sentença de Montaigne e de Boufon.

— O estylo é o homem.

Para aquelles que tiveram a fortuna de ce-

nhecel-o, de ouvi-lo e ler as suas obras, baldadas com razão seriam estas linhas desordenadas, que apenas podem noticiar algumas singelas particularidades da sua juventude tão cheia de cerbas amarguras.

A posteridade, porém, os que só pelos seus escriptos podem hoje avaliar quanto a morte nos levou, acharão no que aponto succulento pasto para seus estudos.

Em folhetins, sob a rubrica *Revista Bibliographica*, publicou Manoel Antonio de Almeida os seguintes trabalhos: Dr. Mello Moraes e Ignacio Accioli — *Ensaio Corographico do Imperio do Brasil* (1), Lamartine — *Historia da Turquia* (2), Francisco Muniz Barreto — *Exercicios Poeticos* (3), Junqueira Freire — *Inspirações do Claustro* (4), Francisco Muniz Barreto e Exercicios Poeticos (5), Francisco Pigneiro Guimarães — *O Commendador* (romance) (6), L. A. Navarro de Andrade — *O Livro do Povo* (7).

(1) *Correio Mercantil* de 11 de Dezembro de 1854.

(2) » » de 1 de Janeiro de 1855.

(3) » » de 4 de Junho de 1855.

(4) » » de 18 de Junho de 1855.

(5) » » de 2 de Março de 1856.

(6) » » de 30 de Julho de 1856.

(7) » » de 7 de Outubro de 1856.

XIV

Outras obras sahiram da sua penna, sempre prompta ás sympathias do progresso, á realisação de todos os melhoramentos.

No intuito de auxiliar uma grande idéa, qual foi a de instituir-se uma escola de opera lyrica Nacional, escreveu Manoel d'Almeida os *Dous amores*, libreto que tinha de motivar a musica da Senhora Condessa de Rozwadosky e que foi executada em 2 de Dezembro de 1861.

Muitos escriptos de redacção, artigos de fundo do *Correio Mercantil*, cheios de eloquente convicção, em assumptos variados, multiplices e originados de momento, produzio a sua musa, cheia de raríssima fecundidade.

Como amostra do estylo singelamente elegante e desprezenciosamente conceituoso de Manoel de Almeida, aqui reproduzo do primeiro folhetim da *Revista Bibliographica* alguns dos topicos em que elle reivindica para Christovão Colombo a gloria que lhe cabe no descobrimento do novo mundo, e que aliás os autores do *Ensaio Corographico*, guiando-se pela opinião, desacompanhada de provas, do padre Vasconcellos, na sua chronica da Companhia de Jesus, pretenderam attribuir ao piloto Affonso Sanches :

« Colombo annunciou o seu descobrimento como um propheta, pregou a verdade da sua prophesia como um fanático, demonstrou-a como

um sabio. Sacrificou tudo para vê-la realizada; não quiz outro futuro senão o que esperava na immensidade até alli mysteriosa dos mares. Mendigou de porta em porta, de throno em throno, os meios de levar ao cabo a sua empreza. Conseguiu-o afinal. Partio sem mudar de rumo.

« E' alli ; e para alli caminhou.

« Todos desanimaram, elle só era forte em sua crença. Pedio tantos dias, tantas horas mais, como se conhecesse a derrota que tantas vezes fizera em espirito. Dentro desse tempo o assombro teve lugar ; a idéa do louco, o sonho do visionario tomaram corpo ; esse corpo era um mundo.

« Todo o mundo duvidava enquanto Colombo cria ; quando a verdade se tornou palpavel e o heroe recuou como assombrado da propria ventura, todos o acompanharam na duvida, de ante-mão desmentida !

« Factos como o do descobrimento do mundo que habitamos, passados com as circumstancias com que se passou, são os mananciaes onde o homem alimenta a sua crença no poder da intelligencia, tirando d'ahi mil deducções beneficas.»

A respeito de Junqueira Freire, distincto poeta

que a falta de espaço matou nos rigores da monotonã disciplina de um convento, olhando para identicos martyrrios que bem mostra a falta de motivo para a continuação dos claustros, uma vez que se pôde ser livre ao ar livre, e caminhar em liberdade para a civilisação e para o céo, exclama Manoel de Almeida : « Servir á humanidade é a grande adoração á Providencia ! »

Absorvido no trabalho esterilizador da redacção de uma folha diaria, labor insano, suffocante e petrificador que no conhecimento das miserias da nossa sociedade, no improficuo dominio do orgão da razão e da justiça, achatando as faculdades intellectuaes, acaba por erigir, como symbolo, no altar da indifferença, o serviço do pão quôtidiano, Manoel de Almeida vio passar quasi inutilmente, os melhores annos da sua mocidade, deixando de elevar-se pelo talento, pela sensibilidade de sua alma, pelos dotes de seu atticismo, de prosador facil e elegante, ao dominio esplendente da immortalidade.

Um velho amigo, homem são, que se aponta como typo de probidade, o capitão Antonio Cezar Ramos, companheiro incansavel de fadigas, empregado no *Mercanti*, revendo-se nos bellos dotes de Almeida, animava-o, incitava-o até, para que escrevesse cousa de folego, que melhor servisse aos interesses de uma publicação que

naquelle tempo se tornou celebre e temida pela pontualidade, pela critica pungente, pelo vigor e pelo espirito energico de multos dos seus artigos — *A pacotilha*.

Foi neste periodo, na época aceza das paixões dos partidos que Manoel de Almeida se dispôz, sem pretensões nem cuidar de glorias e nem de titulos nobiliarios de talento, a escrever as *Memorias de um Sargento de Milicias*.

Algumas vezes no calor da conversa entre amigos, ou companheiros de casa, na cópã do chapéo, e á ultima hora, foram escriptos muito dos mais espirituosos capitulos desta narrativa que a principio, ignorada da sua origem, era attribuida a gente de outra época e conhecedora das cousas que haviam descido, no vertiginoso correr dos annos, á ignorada noite da nossa existencia colonial.

Aos primeiros traços de tão bem planejado painel, na pureza do desenho daquelles caracteres, typos levantados do sudario dos tumulos que o impoeirado pó do tempo escondia desta geração presente, o perfil da feição, o pannejado da veste, o movimento, e o olhar, que se reproduziam em traços incisivos, energicos e magistraes, revelavam uma mão de artista já adestrada por exercicio de elevados commettimentos.

XVIII

Para os que esguardam na fachada do templo a harmonia das linhas, a singeleza do lavor e a conveniencia da eurythmia -- a simpleza da concepção patenteia-lhes de certo o talento e o saber da cabeça que projectou o monumento, antes mesmo de haverem penetrado no perystilo do portico ou de se atterrarem encarando o grandioso da abobada que corôa a nave colossal do edificio!

Leonardo Pataca e Vidigal, o compadre e a vizinha são personagens que á primeira apresentação surgem authenticas, caracterisadas, escoreitas e completas, cheias de movimento, de energia e de acção...

O Sr. Guilherme Bellegarde, distinctissimo cavalheiro, que á nobreza do talento une a finura da mais gentil educação; e á cuja bondade sempre affectuosa devo, entre muitas attenções, o extremado favor de grande cópia destas indicações que ahi ficão, publicando ha pouco tempo no *Globo* uma valiosa opinião ácerca do apparecimento do *Bello da Roda*, disse:

« Eo pensamento se nos volve, por associação de idéas, para o romance nacional *Memorias de um Sargento de Milicias*.

« Escreveu-o Manoel Antonio de Almeida, aos vinte annos de idade.

« Formosa estréa!

« Esplendido alvorecer de talento, que tão cedo e cruelmente a morte nos roubou !

« Que eminentes dotes de espirito desde logo revelou o juvenil escriptor !

« E como de prompto se acentuou o seu talento de romancista !

« Que reproducção magistral a dos caracteres do major Vidigal, de Luizinha, de Maria Regalada e de Leonardo Pataca ? — E o mestre de résa ? E a comadre ?

« Com que verdade de observação e atticismo de expressão se descrevem *O Pateo dos bichos*, *o Domingo do Espirito Santo*, *o Fogo no Campo* e outras scenas da vida fluminense nos bons tempos de nossos avós, os quaes, seja dito á puridade, não eram chimpazes nem gorillos. (*Shocking!*)

« Innegavelmente, no romance de costumes nenhum dos escriptores contemporaneos o excede.

« Ha, sem duvida certa côr local nos trabalhos de Macedo ; nos de José de Alencar irradiações de um alto engenho ; nos de Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Salvador de Medonça e Alfredo Taunay dotes altamente apreciáveis ; mas, no romance de costumes propriamente, M. de Almeida é ainda o — *primus inter pares*.

« Desventurado Almeida !

« Lutou muito, e, quando entrevia no horizonte a estrella polar da esperança, cahio sem poder, ao menos, no momento de exhalar o ultimo alento, reclinar sobre peito amigo a fronte em que Deus accendera o facho do talento !

« De sua suprema agonia foram apenas testemunhas o firmamento e o oceano ! »

A litteratura moderna, libertando o talento do limitado terreno em que se prenderam outr'ora escriptores de subido quilate, rasgou novos horizontes ás narrativas e lendas historicas que a moda ou antes o espirito deste tempo, que nada tem daquellas épocas esplendidas do romantismo, appellida — romance.

Nas *Memorias de um Sargento de Milicias*, que hoje voltam á luz da imprensa, como um monumento levantado á memoria do seu autor, sentinella posta ao pé do altar da patria, para que alli não chegue o esquecimento da noite dos tempos ; nesse livrinho de poucas paginas em que o talento de Manoel Antonio de Almeida apenas de leve se estampou, não se pense encontrar uma daquellas producções sublimes que fazem o orgulho de um povo ou a gloria da humanidade.

Apezar das magnificencias palpitantes de uma vida que se retrata, se traduz e se concebe em cada personagem, não ha alli aquella magestade olympica dos baixos relevos de Phydias nem o

assombroso daquella concepção vulcanica que immortalisou o painel do juizo final.

Nas suas folhas, que o mais exigente ha de ler cheio de satisfação, não irá por certo nemhum velho Miguel Angelo apalpar as fórmãs, que a exausta vista daquelle grande homem, já não podia descobrir no famoso tronco do Belvedere.

Não! naquellas desprezenciosas paginas, escriptas ao correr da penna, quasi sempre esperadas á ultima hora pelo compositor da folha, não ha o arroubo das visões asceticas de Raphael no quadro da transfiguração ou na disputa do Sacramento.

Alli não se encontrará de certo as bellezas, ás vezes maleficas, de Eugenio Sue ou os naturalissimos entrexos da robusta concepção de Alexandre Dumas. As visões de Victor Hugo, a elevação da linguagem de Alexandre Herculano, a esplendida e opulenta phrase de Castilho, ou o abraseleirado de José de Alencar e outros de nossos escriptores, tambem não se encontrarão; o que porém sempre se ha de ver naquellas *Memorias*, delicada exposição da vida real dos nossos antepassados, é uma cousa inflexivel, unica, só, e verdadeiramente original:— E' o talento, a alma, a rara delicadeza, o character e o coração de *Maneco Almeida*, sempre bom, generoso, complacente, brando e amigo.

XXII

Composições litterarias de magnitude athletica não se improvisão de momento, nem mesmo quando partem de uma existencia privelygiada e titanica, dessas organisações herculeas que parecem predestinadas a engrandecer o mundo como Bartholomeu Dias e Vasco da Gama ; a elevar a humanidade como Dante, Kepler e Namões, ou como Donizetti e Cherobini.

O trabalho do homem traz consigo o cunho da sua origem fragil e pecaminosa. A perfectibilidade, que é o supremo empenho da humanidade não é partilha da creatura.

Fazer alguma cousa de bom na fervida omnipotencia da poesia, devassar os largos horisontes do mundo ideal, nesses mysticos enlevos que embriagão os sentidos, penetrar no âmago das angustias tradicionaes de uma geração, e desprender do passado uma das tremendas questões da tragedia humana, para, discutindo-a, analysal-a e corrigil-a, transformando-a, do que já foi em uma questão da actualidade, nova e de interesse commum, é por certo igual, se não-sobreexcede, ao trabalho do zelozo agricultor que, da terra já cançada de velha producção, faz ainda brotar os fructos da luxuriante natureza, em vergel de assucenas e jásmins.

O romancista, como o historiador, embora por modos diversos, escavando os tumulos das gera-

ções que jazem soterradas por sob as ossadas dos seculos que nos precederão, como Pompeia e Herculanium sob as cinzas do Vezuvio, toma o resto daquelles esqueletos: que apodrecião na algidez da campa, reveste-os das suas mais bellas formas, das mais graciosas roupas do seu tempo, anima-os de um novo fôgo, de uma nova vida, resurge-os ao sol da geração que existe, para apresentar-lhe nas côres da realidade e na harmoniosa combinação do entrecho, a acção de um drama tumultuoso, cruel e sanguinolento que então se abrilhantava no viver daquelle povo ido ou a recordação saudoza, delicadá e serena de uma esperança de amor.

Na caligem pavorosa dos sepulchros, o talento do poeta derrama da sua imaginação scintillas de luz vivificante que alumia com limpida e extranha claridade o typo, a feição, o olhar, o gesto, a palavra, a voz, os suspiros, as lagrimas; todos os sentimentos nobres, todas as miserias, todas as crenças e illusões; os gosos e appetites; o nada e a vida dos que forão antes d'elle, para tomando essas mumias, electrizadas pela vontade poderosa do seu genio, trazel-as, em peregrina romagem, como personagens vivas, ao seio da moderna sociedade.

As Memorias de um Sargento de Milicias desenhando com exacta semelhança os usos e

XXIV

gostos, as virtudes e vícios de uma época, o caracter moral dos seus homens mais salientes, retractão no *Major Vidigal* não só um typo perfeito, completo da autoridade, guarda do socego, da ordem e da moralidade popular, mas tambem as demasias prepotentes e absolutas do despotismo que assim se ramificava e destendia desde o rei até o ultimo dos janysaros do governo dos favoritos ou do alcaide policial !..

Aos personagens que assim se vão erigindo, submettidos ao ponto de vista da analyse de certos elementos symbolicos de uma era que inteira se esvairia como fumo, se não fosse a magica percepção, a força e o valor do genio do poeta que transformação nos commentarios da novella a energia da acção material e intellectual desses heroes do vulgacho ou mesmo da alta sociedade, resalta como figura salientissima, cheia do elemento ponderoso da oportunidade no romance de costumes populares, e cheia da côr local, do ambiente que respira, da face das ideias que representa, a sympathica e interessante *Vidinha*, composto de volupia e requebros graciosos, a que talvez se possa dar o epitheto de dengosos e medeixes.

Estas creaturas especiaes como *Vidinha*, que são as companheiras do erro e que pertencem a todas as situações, que são de todos os vaivens

do mundo e isseparaveis do povo, foi uma criação da arte com o cunho da verosimilhança, e isenta dos accidentes infelizes do accaso, que enfeião o mundo real.

Quem, por mais extranho que passasse na existencia fugaz da mocidade, não terá encontrado, aqui ou alli, uma dessas creaturas ás vezes semi-serias, outras vezes afiguradas entre a sensualidade e a volupia, a despenhar-se no abysmo das paixões mundanas que não tenha parado estatico a contemplal-a, lamentando a graça e a belleza typica que assim ia o despenhar-se no devairamento do goso da perdição?

Tudo passa sobre a terra, se confunde e se perverte no turbilhão vulcanico dos seculos que abala, extremece, derroca e modifica a propria natureza.

Identico ao retrato de *Vidinha* ha desde o principio das *Memorias* o perfil completo da famosa *Vixinha*, transumpto de verdade, these sustentada na reflexão de seus juizos, nas observações eloquentes da mordacidade feminina que é um caracteristico da fraqueza da mulher, desejo, prurido infatigavel de pôr no soalheiro da critica, da maledicencia, a reputação, os creditos, os actos, tudo emfim dos desgraçados que tem a sem ventura de serem conhecidos desses infatigaveis.

XXVI

nstrumentos da incoherencia moral da humanidade.

Os interesses mesquinhos do momento, os vicios da ignorancia, os preconceitos do fanatismo, a satisfação da intriga que desanda em matizada de fervoroso escandalo, é a maior satisfação da *vizinha* de todas as cidades, de todas as aldeias que se erige em censor virulento e mordaz da reputação da espoza ou do cidadão que o acaso lhe collocou ao alcance das vistas da sua paixão demolidora.

O personalismo dos bohemios, verdadeiros reptis que como o aspide se escondem entre flores para melhor morder a mão do incauto e irreflectido amator, a hyppocrisia do mestre da reza, tartufo de casaca que na intriga meliflua de uma despretenciosa amizade, que redundava em especulativa velhacaria, e entra de rastos no seio da familia, sob a capa das mais honestas intenções, tanto no segredo da confissão, nas palavras sacrosantas do evangelho, como na revelação simulada de uma indiscrição que não se pode conter. está bem traçada em côres proprias; e bem se encontra hoje em mais de um individuo de semelhante missão.

Se o *Leonardo pataca* não fosse uma criação do genio inventativo de Manoel d'Almeida, dir-se-hia que no claro-escuro do desenho d'aquella

phisionomia apovonada ia a reminicência de um desses personagens que os rapazes celebrizão com as apupadas da rua e a invectiva da alcunha, quasi sempre justificada no decomposto do vulto, ou no feio da alma.

O toma largura, sem merecer realmente o nome de importante figura, nem tomar parte de valor na narrativa das *Memorias*, satisfaz perfeitamente a conveniencia historica de deixal-o exposto na tella do painel, antes que se acabe de todo essa creação meio caricata dos tempos do reino unido. e conservada ainda depois do imperio.

Sem transcrever aqui, como em calendario inutil, quantas personagens tecem, entrelaçao e apurão o entrecho, a acção comica da romanesca comedia, mal se pode esquecer aquelle *José Manoel*, famigerada chronica viva de escandalos; creatura commum e trivial na nossa sociedade, tortulho da degradação organica em que ás vezes agonisa e se debate o moral da creatura, e que entretanto logra pela corrupção degradante dos mais engrandecidos sentimentos, pela torpeza de um impertubavel cynismo, tudo quanto aspira e pode conceber.

As Memorias de um Sargento de Milicias é uma pagina eloquente da nossa vida democratica e dos vicios e descuidos de gente boa, embora perdida pela falta de amor ao trabalho; patriotas

XXVIII

que não pensaram ainda se tinham vindo a este mundo para outra cousa que não fosse a indolencia e o voluptuoso descansar da sua poesia suspirosa.

O materialismo dos interesses pecuniarios que, na influencia das posições ambiciosas, conserva o espirito do homem attento ao lucro do trabalho que busca acumular, não prende, não captiva nem desvaira a mór parte desse elemento social que se chama—povo. O gozo da cantiga, animada por inspirado desafio, o psalmejar melancolico da *modinha* ou a irresistivel travessura do malicioso *lundu*, que, por mal de peccados da nossa poesia popular, já por ahí vai perdido, sem fóros de cidade e afogado na bastarda invazão de musicas grotescas e ás vezes semi-cynicas dos immoralissimos *cafés cantantes*, são para o povo nacional tudo quanto lhe basta nas suas pobres mas influentes e regaladas brincadeiras do pavoroso *fado*.

As tradições de um povo são as recordações saudosas de um passado que não se quer, nem se deve ver perdido e olvidado da veneração sintera dos vindouros, porque essas tradições são, naturalmente, o orgulho de se haver nascido e educado nas generosas idéas de tempos valerosos como forão os que nos precederam, purificados pela communhão dos princípios que se

alimentaram no fogo sagrado do patriotismo, quando mais se queria salvar das atrocidades da metropole o natural direito do dominio politico da propria nacionalidade.

N'uma quadra de aberrações e absurdos inesperados, onde só é superior o materialismo do numerario, e onde as idéas do futuro só podem occupar os animos dos que pensão além da linha divisoria do presente, que separa o dia de hoje do de amanhã, destacando, como cousa differente, a banca do rebatedor do templo da virtude, as matinadas do charlatanismo, do amor da patria revelado pela instrucção das classes operarias, pelo desinteresse, pela abnegação, nada ha que esperar de bom para as almas abatidas, senão recordar, ao menos pelas tradições reveladas nas lendas do romance o que forão, o que eram e até pela logica o que teriam sido os nossos antepassados, se por ventura, vivendo hoje, podessem, como nós, empunhar a espada da civilisação, discutindo os actos do povo e do rei.

A nossa litteratura amena, embora de quando em quando apresente um ou outro fructo sazornado e doce, como ha pouco « O Cabelleira » do Dr. Franklin Tavora, famosa lenda do Norte, onde ha muito para ver, estudando-se com devida attenção o thema, a linguagem e a missão moral do nobre fim a que se propoz o talentoso

escriptor; e a bella e a primorada versão do ideal *Jocelyn*, que pelo labôr do Dr. João Cardoso de Menezes e Souza, assim se constituiu, para a nossa litteratura, uma joia do que ha de mais terno, e mimoso; trabalho de labor ingente, digno dos applausos sinceros e consciences dos vindouros, que não se confundirão, é certo, com essas frases de encommenda que diariamente, e em repugnante louvaminhas, se repetem os membros da mônita secreta do elogio mutuo, — não progride, não forma escola, não estabelece feição peculiar nem se classifica em modelo auspicioso das verdadeiras regras da arte, em quanto a idéa andar afastada da forma, isolada do fundo moral da sua missão perante a humanidade ou perante a sociedade, sem a qual não se comprehende nenhuma obra d'arte.

Não é um divorcio, uma separação acintosa das frases puras, cuidadosamente lavradas e cheias da encantada e melodiosa eufonia especial e intrínseca do genio do nosso idioma, o que se deve cuidar. O ouro não envelhece nem deixa de ter o peculiar valôr da sua natureza metalica, só porque foi manipulado por um determinado artista que não soube tirar d'elle todo o proveito, ou porque se tornou propriedade de um certo individuo.

O sol por mais que as nuvens busquem escu-

recel-o por camadas espessas de vapor condensado, é sempre o maior esplendor do mundo; e sua luz e seu calor são o alento e a vida da creatura.

E' um facto de incontestável intuição que na vitabilidade das linguas não ha barreiras nem muralhas que lhe obstem os passos ou lhe prendão os vãos. A phrazeologia de um povo que caminha livremente na conquista progressiva das sciencias e das artes, não se paralyza nem morre. A innovação das palavras porém, não é senão a consequencia da natural exigencia da novidade de um sentir extranho que, nos termos conhecidos, não achava o meio facil de manifestar-se perante a percepção da intelligencia alheia, e não um prurido de neologismos, e de locuções barbaras.

A necessidade da riqueza ou da abundancia da moeda n'uma praça, que tem de haver-se a braços com as exigencias da permuta, está na proporção directa da vida do commercio no seu movimento mercantil.

O que ha de entre nós constituir um cunho de especialidade na litteratura brazileira, mesmo escripta na bella phrase portugueza de Castilh^o e de Latino Coelho, ha de ser o modo particular de sentir do povo, extranho á vida, assaz differente da existencia lusitana.

O que lhe ha de dar um timbre, um modelado de feição, um sainete determinado, positivo e tambem ideal, ha de ser o céo, o sol e as estrellas; os campos e as flôres; o murmurio saudoso dos rios e o estrondoso baque das cascatas; ha de ser o gemer dos jequitibás e das garaunas alpestres; o canto mavioso e extridente do sonóro sabiá e da araponga solitaria; ha-de ser o bello da natureza em toda a sua magnitude gigante, em sua micante primavera; e mais ainda no assombroso painel desta omnipotencia divina.

O que Deos concedeo a este solo todo especial, todo unico, grande, altivo e monumental, que assombra gregos e troyanos, que abraza a mais calma imaginação em lavas coruscantes de uma fogosa e electrica vitalidade, não pôde nem ha-de naturalmente ser descripta ao gosto e sabor, litterario, embora altiloquo, que esse mesmo Deos concedeo áquelles que têm de dizer e sentir cousas diversas, e prescrutar outros mysterios da Providencia.

Sei bem que não ha propaganda ou cathequese possivel que disperte o povo para esta reforma.

Ella ha de surgir espontanea, inesperada, como surgem os cataclysmas e as transformações da natureza. Colombo descobrindo um novo mundo ou S. João divizando a cidade santa, são os sublimes instrumentos da revelação divina.

O messias desta religião apparecerá ; e a escola surgindo da nossa existencia litteraria, como a borboleta surge da larva, cheia de uma nova vida, não ha de vir desvairada do excentrico fanatismo dos que querem adoptar o idioma selvagem dos indiginas, ou como pretendem outros, dos arcaismos vascongados das primeiras epochas portuguezas.

O trafego elevado das musas, que a antiguidade representou castas para que fossem puras, tem de brotar, para nós, da vida íntima da familia brazileira, dos acontecimentos notaveis e expressos da nossa florescente nacionalidade, quando o predominio dos direitos inconcussos das immunidades moraes do povo, tiver acção propria e não for um mytho, um fragil automato que o governo esmaga ao aceno do primeiro devaneio de um ministro estólido que a cabala ou a corrupção atirou inopinadamente, do chão da nulidade, até á purpura dos degrãos da monarchia.

Dante. Milton e Camões não forão a expressão de um rei soprando-lhes o alento da sua politica vontade. O genio do poeta e do artista não dimana, não cresce nem se transporta ás altas regiões do espirito, pelas vaidades de um governo que quer ser grande ou busca immortalisar-se nos productos d'aquellas organizações de fogo que

se devorão e se aniquilão nas chammas da sua propria e divinal essencia.

As magnas convulsões sociaes, a desgraça de um povo, a quéda heroica de uma nacionalidade; a irradiação de um odio de familia fazem e podem mais do que a autoridade dos ministros e os grandes poderios da riqueza do thesouro.

Quando um rei ou um ministro, cumprindo o seu dever, distingue ou eleva por um titulo, ou por uma condecoração um homem de talento, colhe disso mais importancia e mais proventos do que o pobre agraciado.

Para mostrar ao mundo ou antes para simular que appreciação e entendem o que sahio d'aquelles cerebros de homerica producção, immerecidamente adquirem á custa das obras desses genios immortaes uma gloria ou um renome que não têm, nem de outro modo poderião alcançar.

Manoel Antonio d'Almeida sem se aproximar das aberrações ou afinidades de nenhuma escola de romancistas, sem imitar sequer os exemplos dos bons autores que deixaram á nossa contemplação os seus famosos modelos de litteratura amena, escreveu as *Memorias de um Sargento de Milicias* que ahi ficão para as lettras e para a patria, como ficaram para a França e para a arte os baixos relevos de João Goujon—fundandô,

em rasgos do seu espirito, uma escola que se estabelece na delicadeza do sentimento, na sobriedade da palavra, na singeleza do fallar, no natural do assumpto, nas peripecias da acção, na propriedade do genero; e que assim produz ao claro do nosso tempo uma obra que, ainda quando vista pelos olhos prescrutadores dos criticos habitua- dos á contemplação das bellezas que emanão da faina intellectual das musas européas, nada perderá dos seus meritos, do seu valor e das brilhantes gemmas do aurifulgente diadema do seu grandissimo talento.

Na scena originalissima dos dous padres, pre- gando no mesmo pulpito, o italiano capuchinho e o mestre de ceremonias, ambos procurando ar- rebatar nas azas da sua eloquencia, o religioso auditorio, ha um espirito de naturalidade comica como poucas vezes se encontra, até mesmo nas novellas de mais vasto desenvolvimento.

Dotado de um bom senso litterario que bem cedo se revelou, forão seus modelos a observação dos homens e o estudo da natureza, sem os tenta- dores desvarios que as tempestades do coração n'um momento de desconfiança, inoculão nas caprichosas concepções da mocidade.

Ao encontral-o todo absorvido na contem- plação philosophica de um typo, de uma cir- cumstancia fortuita ou de um magno interesse

XXXVI

publico, quantas vezes se cuidava vel-o n'um torpor melancolico de abstracta e stoica indifferença; e entretanto sua alma nobre e digna attentamente perscrutava o segredo sentimental de uma narrativa, o mimo de uma poesia toda cheia de ineffaveis e bonissimos effluvios.

Entretanto, cumpre confessal-o, Manoel Antonio d'Almeida, novo Walter Scott, não deixou de si, para além do tumulto, um trabalho condigno, igual ou que pelo menos daguerreotypasse, de um modo determinado e justo, a sua muita intelligencia e facilissima comprehensão.

O que aqui fica reunido e o que por muito ignorar-se, deixo até de indicar, é pomifero cabedal para as letras patrias; collocado porém ao lado da incommensuravel intuição do bello que lhe habitava a fronte, ou comparado com a inspirada penetração da fertil e intensa faculdade do seu espirito, tudo é pouco... ou nada.

Só quem o conheceu, ou artes quem conviveu com elle no remanso da fraternidade e o vio desataviado das regras disciplinares da modestia, da severa circumpecção do homem publico e o contemplou, na desnudez da sua inteira capacidade, pôde compenetrar-se do robusto poder daquelle amplissimo talento.

No seu cerebro, aparentemente calmo, parece que refervia o fogo de uma nova musa; e melhor

talvez do que André Chenier pcedera exclamar :
Et pourtant j'avais quelque chose là.

Se este mundo não é alguma cousa mais do que o presumem os positivistas do seculo, como é que a materia pôde elevar-se até às regiões espaciaes dessa beatitude seraphica onde se encontram os affectos desinteressados e harmoniosos de um especialissimo sentir da vida moral, que não se tocão com a rigidez da mão, mas que se apalpão dentro da nossa propria organisação intima, recondita e mysteriosa ?!

Se, como assegurão os blasphemos fanfarrões de espirito forte, e proscripta toda a intervenção do mundo espiritual, tudo está no calor e na humidade, se o mundo moral, subordinando a ordem material, é apenas uma consequencia da vida physica, como é que Manoel d'Almeida pôde afastar-se dos espiritos vulgares, florescer ao som do cantico melodioso das suas proprias harmonias, elevadas na confiança auspiciosa do futuro e crear, por si só, um modo de sentir superior que nada tem de commum, com as paixões da turba, porque era puro, harmonioso e ethereo?

Como se comprehende a coordenação philosophica da suprema cabeça de Aristoteles, a superioridade ascetica de Socrates. os extasis de Platon, o elevado perscrutar de Galileo, a dedicação

XXXVIII

scientificas de Newton, de Lavoisier e a concentração de S. Jeronymo e de Santa Thereza de Jesus?

O que será tudo isto, se o homem contra a affirmativa dos mais distinctos e assombrosos talentos da humanidade e de todos os tempos, desde a vetusta Grecia até aos desvãos da moderna Athenas, não é mais do que materia bruta, animalidade de gozo, sendo cousa inutil, vã, e até pueril a poderosa voz da consciencia?

Que erro é este tão original do espiritalismo que vai assim passando de geração em geração, sempre repercutindo-se no animo dos mais illustres, sempre fulgurante de eloquencia e a passar de cerebro para cerebro, de epocha para epocha e sempre arreigado ás doces emanções do calmo raciocinio dos mais sabios, dos mais profundos e dos mais conspicuos apostolos da philosophia?

Que força positiva é esta que não podemos distinguir ou determinar materialmente, mas da qual sentimos no nosso ser inteiro, nas potencias da nossa alma, as manifestações da sua actividade, reproduzida em milhares de phenomenos da vida intellectual?

Como se pode negar a espontaneidade innata da imaginação, a vida propria desse sonhar acordado do espirito em que o homem vive n'um mundo, privativo das faculdades do entendimento,

e que é uma especie de élo entre o mundo physico e o mundo moral ?

Nas condições ordinarias da existencia material o que é o bello ideal ? O que é o sentimento da harmonia, o conhecimento ante-creado da *forma* e esse ver peculiar da alma em um outro mundo ?

Quem não sente a força da vontade e da resolução actuando dentro em si, modificando, em sentido contrario da inspiração ou do gosto, um sentimento, um desejo, uma paixão ; e isto sómente sob o impulso da razão e da virtude filhas dilectas e abternas do espirito ?...

Oh !- não... Manoel d'Almeida não era, não podia ser só um pouco de terra grosseira, animada apenas pelo calor da vida da creatura.. seu bello espirito era tudo ; e sua alma com^o a luz, como o som, como o perfume, era o effeito, a essencia e os fins do seu proprio ser. Da sua cabeça olympica, nos arrojos de sua imaginação, surgio armada de ponto em branco muito Minerva illustre ; e, melhor do que aquella poetica ficção do paganismo, não precisava, para dar vida e fulgor ás suas obras, roubar como o Prometheo, o fogo sagrado dos Deoses.

O Sr. Dr. José Maria Velho da Silva, varão illustre e entendido em letras, pelo saber e pelo culto das musas, escriptor oppulento que nestes

tempos de desmantelamento litterario, no casti-
gado da phrase portugueza, nos luzitanismos de
linguagem com que busca restaurar o vernaculo
dizer da nossa locução, semelha o velho guarda do
antigos solares, fiel mordomo da riqueza do mor-
gado, que, recebendo-o abastado dos seus passados,
intacto ha de entregal-o aos futuros herdeiro
que melhor uso farão d'aquelles vinculos do que
os descuidados ou já perdidos donos da herança,
na sua « Gabriella » o piparo banquete offertado
ao alimento das lettras nacionaes, justifica nos
caracteres typos de Maria das Dôres, Anna dos
Milagres, José Ignacio Capacho e Marquez do
Lavradio o grande tino de Manoel d'Almeida, e
a sua proeminentè vocação de novellista.

As impressões desoladoras e inquietas do cora-
ção prosaico e mundano dos homens do positiv-
vismo, dos cantores da materia, que só no goze
da voluptuosidade do sensualismo animal achão
o prazer da sua sensibilidade, são de certo cousa
assaz differente de tudo quanto nascia, creava e
se educava naquelle vergel de romantica poesia.

O influxo magnetico da sua palavra existia
também na sua penna. — Tudo que produzia vinha
animado do calor d'aquelle sol, bafeja-lo das bri-
as d'aquelle céu, colorido das côres iriantes d'a-
quella fecunda madrugada.

Aos vinte annos de sua perigrinação, e mesmo

antes, como Praxagoras, já o seu nome era apontado como o de um rico trabalhador, que muito de seu tinha de deixar á patria, no copioso testamento de sua lyra afinada.

No culto do sacerdocio das lettras, Manoel de Almeida não seria como o heremita, que passa obscuro esquecido na lapa da encosta do deserto, embora embebido nas orações e attento ao fogo sagrado da ara que lhe absorve a vida. A chama interna que lhe ardia na immensa fronte, ser-lhe-hia farol para conduzi-lo á cadeira de pontifice das lettras. Era grande, ingente e incommensuravel aquella ridente, fertil e opulenta phantasia. A morte, porém, sorprendeu o caminheiro no começo da estrada, quando melhor se lhe afigurava a sorrir os dias de um futuro com que sonhou até nas ingenuas aspirações da meninice....

Como Celeo, embora principe, ninguem foi como elle tão simples e modesto. A sua viagem a Campos, no intuito de alcançar uma cadeira de deputado, não era uma ambição de vaidade ou de orgulho; era mais um esforço empregado contra os infortunios que lhe embargavão o passo tantas vezes encetado; era uma cruzada de resgate que devia abrir-lhe as portas de um dominio novo, mas de asperrima contenda e doloroso affan.

XLI!

Tudo nelle era fé. Ressuscitavão-se-lhe as crenças que o pezo do infortunio lhe esmagára; impio ao despontar da vida, na perda de seu Pai, pobre militar, mais tarde recrudescido na ida de sua mãe para o Céu; e entretanto no meio desses desejos que lhe parecião realizados, antevio os acontecimentos da sua morte.

Ao apertar-me a mão, na despedida, para essa fatal viagem, unindo o seu coração àquelle que lhe fôra sempre amigo, conservando-lhe pura a éstima, que na infancia lhe tributára, seu animo vacillou!

Dos seus olhos, onde a serena côr da esperança lhe adoçava a languida expressão, mais de uma lagrima veio allí revelar quanto guardava elle no seu peito amigo.

E eu censurava-lhe o desanimo! Fallava-lhe do que podia obter nas lutas que o esperavão; da gloria que se lhe despontava plena de triumphos, carregada de applausos e de immurcheciveis louros.

E' a primeira vez que embarco, me dizia elle, mas... parece-me que será a ultima! A meu despeito... sinto que alguma cousa de atroz me tira o animo e me desperta desordenadas e incoherentes idéas.

Se sou infeliz não sei.... persegue-me porém, um poder occulto, uma força estranha que me

desfolha sempre as rosas mais gentis da minha vida.

Não se enganava! A voz que brotava d'alma era como a visão inspirada dos prophetas, noticiando os acontecimentos do porvir.

Na sua partida, fechando os olhos a quanto via ao derredor de si, e só pensando nas irmãs que são o continuo anhelar de suas cogitações, parecia a victima resignada que sorrindo caminha, para o poste do sacrificio!

Era magnanimo aquelle coração! Alma nobre e digna, como digna e merecedora de todas as venturas fôra a sua incontestavel intelligencia, seu recto espirito, seu incorruptivel character.

Ha uma phrase de Theophilo Gautier, a respeito de Gerard de Nerval, que parece ter sido inspirada pela contemplação da vida moral e affectuosa de Manoel Antonio d'Almeida.

« Il n'a causé d'autre chagrin a ses amis que celui de sa mort. »

O capitolio onde devia coroar-se de louros e de rosas, o sympathico tribuno que a voz erguera em nome da liberdade, não lhe abriu as portas. Em seu lugar o oceano lhe escancarou o lugubre sanctuario do sepulchro; e as branqueadas espumas das ondas que se espadanavão nas amuradas do « Hermes » forão-lhe o gelido sudario.

O que alli se passou, o que soffreo de amar-

XLIV

guras em tão agra e tenebrosa convulsão do seu espirito conturbado, a unção das lagrimas que verteo nas orações de fé que sua alma crente dirigio a Deos nos soluços dolorosos da agonia daquella tremenda realidade, só Deos sabe quanto amor continha.

Terrivel deseulace !

A sua morte foi considerada uma desastrosa calamidade ! mais de uns olhos formosos, desses que ao vê-lo enlanguecião-se de ternura pelo poeta que lhe despertava affectos no intimo de seus sonhos mysticos, derramaram sentido pranto.

Toda a imprensa entoou o seu hymno de saudades ; seus amigos curvaram-se miserrimos, esmagados ao pezo da desgraça que lhes comprêmia os pulmões e o cerebro : e da patria não houve uma só face que ao recordar a sua morte não se occultasse sob o lutuoso crepe da tristeza dos finados !

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, um dos primeiros arautos do romance brasileiro, e que também o estimava, escreveu.... « Sinistras conjecturas apertão o coração. Falla-se de um joven cheio de merecimento, lidador indefeso contra o infortunio, arrimo de duas irmãs queridas. »

Um outro Zeuxes da imprensa fluminense, com-

panheiro de fadigas jornalísticas, como já antes fôra companheiro de estudos e d'aquelle balouçar indolente de gracejos escolásticos, João Carlos de Souza Ferreira, distincto folhetinista que por ahi tem derramado em mimosas paginas de escriptos rapidos e fugitivos, judiciosos conceitos, engrandecidos de primoroso lavor, cheio de magoa, contristado e pezaroso que bem de perto lhe tocava aquella dôr, — disse : —

« ... não, não posso acreditar ! quero ver o corpo immovel, a face pallida, os olhos fechados, o coração parado. Não se pôde morrer assim, meu Deos !

« Aquella alma boa e generosa não podia partir-se deste mundo sem despedir-se dos que tanto o amavam ; aquella intelligencia não podia apagar-se sem um lampejo grande que deslumbrasse ! aquelle irmão, tão cheio de extremos, não abandonou na estrada da vida duas fracas peregrinas que se apoiavão em seu braço ! »

Era geral a angustiosa magoa que de todos se revelava em sentidas endeixas, do extremo adeos da morte. Tributo de quantos o conheceram, muito coração se amortalhou n'um véo de incognita concentração ; sua perda não passou deslembrada ou envolvida no turbilhão vertiginoso dos acontecimentos do dia.

O seu nome ainda se repete, como nas lutas

XLVI

trucidantes da religião, nas eras primitivas, se repetia o nome dos crentes que tranquillos morrião levantando os olhos para o céo n'uma oração sacrosanta de fé elevada nas lutas do martyrio.

No *Diario do Rio*, um amigo, tambem commentando os acontecimentos da semana, assim se manifestava :

« Cada familia que alli perdeu um membro chora hoje esse infortunio sem remedio. A dôr da litteratura é das mais intensas e das mais legitimas ; tambem a familia dos escriptores perdeu alli um de seus filhos que maior honra e mais firmes esperanças lhe dava.

« Morreu alli um grande talento, um grande character e um grande coração.

« No vigor dos annos, amado por todos, por todos festejado, alma nobre, espirito recto, abrindo o coração a todas as esperanças, cahio para sempre, terminando por um naufragio a vida que não se embalava nos braços da fortuna.

« E' essa a triste symetria da fatalidade!

« Pode-se affirmar que não deixou uma desafeição e muito menos um odio.

« Os mais indifferentes sentiram essa perda que, affectando o paiz em geral, feriu particularmente o coração de seus numerosos amigos.

« Pertencia a essa mocidade ardente e cheia de fé, que põe olhos de esperança no futuro, e as-

pira contribuir com o seu valioso contingente para o engrandecimento da patria.

« O que pela sua parte podia dar era muito. O seu talento, aferido por um cunho superior, era de alcance grande e sêguro; o seu espirito era observador, os seus escriptos estão cheios das melhores qualidades de um escriptor formado.

« Perdeu a patria um dos seus lutadores; os amigos o melhor dos amigos; a familia — duas irmãs apenas — um braço que as sostinha, e um coração que as amava.

« Para que escrever-lhe o nome? Todos hão de saber de quem fallo. O seu nome tem sido lembrado com muita dôr, por quantosse tem occupado com esse terrivel desastre.

« Eu era seu amigo em vida, na sua morte dou-lhe uma lagrima sentida e sincera. »

Não se esquecerá jamais seu bello nome: — E' certo que a memoria dos que conheceram Manoel Antonio d'Almeida ha de descer á eterna morada da elysia leuce; e para sempre esquecidos muitos dos que o amavam, tem já cahido u gu um, no chão da morte sem perpetuar seu nome: mas, a eternizar aquelle missionario sublime das lettras e da liberdade, sobranceiro ao pó do tempo, á queda dos monumentos, ás ruínas do bronze e do granito, ahi fica em paginas que se hão de repetir, espalhar e lêr nas noites cai-

XLVIII.

mosas do estio, ou do humido inverno, no lar do pobre ou no serão distincto da familia, entre risos e commentos maliciosos, quanto aquella famosa intelligencia nos deixou ; e ahí então no coração dos moços, no espirito apaixonado, angelico e ardente das mulheres, na cabeça enthusiastica dos poetas e pensadores de todos os tempos ha de levantar-se á sua immortalidade um monumento perenne, immenso, duradouro e eterno :— O Culto da admiração.

F J. BETHENCOURT DA SILVA.



MEMORIAS

DE UM

SARGENTO DE MILICIAS



CAPITULO I

ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISMO.

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formão as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo—*O canto dos meirinhos*—; e bem lhe assentava o nome, por que era ahi o logar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe, que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses erão gente temivel e timida, respeitavel e respeitada; formavão um dos extremos da formidavel cadeia judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o

extremo opposto erão os desembargadores. Ora, os extremos se tocão, e estes, tocando-se, fechavão o circulo dentro do qual se passavão os terriveis combates das citações, provarás, razões principaes e finaes, e tôdos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Dahi a sua influencia moral.

Mas tinhão ainda outra influencia, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influencia que derivavão de suas condições phisicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros; nada tem de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou continuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não, não se confundião com ninguem; erão originaes, erão typos: nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavão chicana. Trajavão sizuda cazaca preta, calção e meias da mesma cõr, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravão um circulo branco, cuja significação ignoramos, e corcavão tudo isto por um grave chapéo armado. Colloçado sob a importancia vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era ter-

rivel quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solemnes figuras que, desdobrando junto d'elle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remedio em taes circumstancias senão deixar escapar dos labios o terrivel — *Dou-me por cilado*. — Ninguem sabe que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras! Erão uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; querião dizer que se começava uma longa e fadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoraveis Chãrontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguem passava sem que lhe tivesse deixado, não um obolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a ultima parcella de sua paciencia.

Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ahi em qualquer dia util dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavão—cadeiras de campanha—um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em

tudo sobre que era licito conversar : na vida dos fidalgos, nas noticias do Reino e nas astucias policiaes do Vidigal. Entre os termos que formavão essa equação meirinhal pregada na esquina, havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavão assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que vivião nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrazava o negocio das partes; não o procuravão; e por isso jámais sahia da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cincoenta era a sua infallivel cômpanhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a modica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido que juntavão ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fôra Leonardo algibebe em Lisboa, sua patria; aborrecêra-se porém do negocio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com elle no mesmo

navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da *Hortaliça*, quitandeira das praças de Lisboa, sa-loia rochonchuda e bonita. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sahir do Tejo estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distrahido por junto della, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorriu-se como envergonhada do gra-cejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em fórma, segundo os usos da terra: levárão o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma scena de pisadella e belliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dous amantes tão estremosos e familiares, que parecião sé-lo de muitos annos.

Quando saltárão em terra começou a Maria a sentir certos enojos: fôrão os dous morar juntos: e dahi a um mez manifestárão-se claramente os effeitos da pisadella e do belliscão; sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão;

o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem fallamos é o heróe desta historia.

Chegou o dia de baptizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instancias de Maria e da comadre, que querião que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que erão todos d'além-mar, cantavão ao desafio, segundo os seus costumes; os convidados da comadre, que erão todõs da terra, dançavão o fado. O cõmpadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propoz que se dançasse o minuete da cõrte. Foi aceita a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrar-se pares. Afinal levantárão-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua; um collega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com

pretenções de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca: e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegáráo uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se n'um tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito cómico vê-lo, em trajas de officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monotono zunzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para seu canto, e isto era natural a um bom Portuguez, que o era elle. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,
Acompanhado ou sósinho,
Cantava de noite e de dia
Ao pé d'um copo de vinho!

Foi executada com attenção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu dar-

lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pai como obsequiára ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. A' Maria avermelharão-se os olhos e suspirou.

O canto de Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou á gritaria, e ainda mais depressa á algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando vião-se passar através das rotulas da porta e janellas umas certas figuras, que denunciavão que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a ultima que sahiu, deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinteiro um raminho de arruda.

CÁPITULO II

PRIMEIROS INFORTUNIOS

Passemos por alto sobre os annos que decorrerão desde o nascimento e baptisado do nosso memorando, e vamos encontral-o já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquillo

que annunciára desde que nasceu: atormentava a vizinhança com choro sempre em oitava alta; era colerico; tinha ogerisa particular á madrinha, a que não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e fallar tornou-se um flagello; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéo armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum logar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espanava com elle todos os moveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com elle a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquillo lhe havia custar aos ouvidos, e talvez ás costás, arrancava-lhe das mão a victima infeliz. Era, além de traquinas, goloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém elle não se emendava, que era tambem teimoso, e as travessuras recommçavão mal acabava a dôr das palmas.

Assim chegou aos sete annos.

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ella e com

ella. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais ceremonias, havia elle desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns mezes atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das rotulas: uma occasião, recolhendo-se, parecera-lhe que o vira encostado à janella. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega seu o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas desconhecidas: porém isto tambem passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe serios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta dentro; alguem que estava na sala abriu precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua, e desapareceu.

A' vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciume. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia em baixo do braço, e endireitou-se para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandecissima !...

E a injúria que ia soltar era tão grande que a engasgou.... e poz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e poz-se em guarda, pois também não era das que receiava com qualquer cousa.

— Tira-te lá, ó Leonardo !

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa boca a sôcos...

— Safe-se d'ahi ! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos commigo a bordo ?

Isto exasperou o Leonardo; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordarão em sôcos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inutil de resistencia, desatou a correr, a chorar e a gritar :

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre !...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia larga-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramigar em um canto.

O menino assistira a toda essa scena com imperturbavel sangue-frio : emquanto a Maria apa-

nhava e o Leonardo esbravejava, este occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande collecção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciume, reparou então na obra meritoria em que se occupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em chejo sobre os gluteos atirando-o sentado a quatro braças de distancia.

— És filho de uma pisadella e de um belliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino supportou tudo com coragem de martyr, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal cahiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos estava dentro da loja do padrinho, e atrancando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a bacia de barbear que lhe tirára do queixo: com o choque que soffreu a bacia inclinou-se, e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má!...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula nessa direcção.

O compadre olhou tambem, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou; já sei o que ha de ser... eu bem dizia... ora ahi está!...

E desculpando-se com o freguez sahiu da loja e foi accudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que elle suspeitára alguma cousa; e saiba o leitor que suspeitára a verdade.

Espiar a vida alheia, inquerir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos annos, restão grandes vestigios desse bello habito.

Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do officio, o compadre presenciára os passeios do sargento por perto da rotula de Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle mais dia menos dia com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sahir deixára cerrada,

e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— O' compadre, disse, você perdeu o juizo?....

— Não foi o juizo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou animo, e altanando-se disse em tom de zombaria:

— Honra!... honra de meirinho.... ora!

O volcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotoou de novo com esse insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira! Injurias e murros á mistura cahirão de novo sobre a Maria das mãos e da boca de Leonardo. O compadre, que se interpuzera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de sa-loia.

Emfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascêra, o dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadella, o belliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e, tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelhãrão-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, metteu as mãos nos bolsos do calção, encheu as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara; enterrou atravessado na cabeça o chapéo armado, agarrou na bengala, e sahiu batendo com a rotula e exclamando :

— Vá-se tudo com os diabos!...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos!.. ora.... vou com isto á justiça!...

— Comadre!...

— Nada, não attendo, compadre... vou com isto á justiça, e apezar de elle ser um meirinhaço muito velhaco, ha de se haver commigo.

— E' melhor não se metter nisto, comadre... sempre são negocios com a justiça... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças de Maria não passavão de bravatas que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituida a paz em casa. Houve então larga con-

ferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahiu dizendo :

— Elle ha de voltar.... aquillo é genio.... ha de passar.... e se não... o dito está dito ; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia que referimos tratára de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ella figurára e o compadre acreditára que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando fallára ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste, O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aerio que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador :

— O passado passado; vamos.. ella está arrependida.... doudices de rapariga.... mas não ha de fazer outra....

O Leonardo não respondeu ; poz-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca ; porém pelo seu semblante via-se que elle estimára as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncial-as se elle não o precedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre e acabe-se tudo ! Coitada !... ella ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo !...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar ; mas o que elle queria erão algumas supplicas do compadre, que podessem ser ouvidas pela Maria ; afim de fazel-a acreditar que se elle voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo :

— Entre, homem... basta de criaçadas.... o passado passado.

Entrarão. A sala estava vazia ; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto n'uma das mãos, conservando sempre o chapéc armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado ; venha cá...

Ninguem respondeu.

— Ha de estar ahi a chorar mettida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorreu-a toda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto á sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem duvida a trazia pela mão contracta e humilhada, quiz fazer-se de bom: ergueu-se, metteu as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o lugar de onde vinha o compadre.

— O' compadre, disse este approximando-se...

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito pôr não dito.... mudei de resolução!...

— Olhe, homem....

— Nada, nada... está tudo acabado...

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem.... escute... olhe que a comadre....

— Não quero saber della... está tudo acabado: e já disse....

— Foi-se embora.... homem.... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras;

voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, esta tudo acabado... adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e sahiu precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: — Está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga ás costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na vespera de noite.

— Ah! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da noticia, forão saudades da terra!....

CAPITULO III

DESPEDIDA ÁS TRAVESSURAS

O Leonardo abandonára de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha soffrido tamanha infelicidade; nem mesmo passára mais por aquellas

alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima

O pequeno, emquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fóra.

Apezar disto, porém, captou do padrinho maior afeição, que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça : não havia para elle em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar á vizinhança tudo o que elle dizia e fazia ; ás vezes erão verdadeiras acções de menino mal-criado, que elle achava cheias de espirito e de viveza ; outras vezes erão ditos que denotavão já muita velhacaria para áquella idade e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; tinha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido afeições ; passára sempre só, isolado ; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim a primeira afeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao gráo de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immuni-

dade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos freguezes quando estes se estavam barbeando. Uns enfurecião-se, outros rião sem querer: do que resultava que sahião muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciencia emquanto este a procurava; elle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa cousa alguma por muito tempo inteira: fazia andar tudo n'uma poeira: pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos visinhos; sentado á porta da rua, ntendia com quem passava e com quem estava pelas janellas, de maneira que ninguem por ali gostava d'elle. O padrinho porém não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes as noites em fazer castellos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meics que o levassem a esse fim. Eis-aqui pouco mais ou menos o fio de seus raciocinios. Pelo officio do pai... (pensava elle) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem *geito*, porém

sempre se ha de dizer :—ora, é um meirinho !... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vintens dos freguezes... Seria talvez bom mandal-o ao estudo... porém para que diabo serve o estudo ? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para diante mandal-o a Coimbra... Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas: estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo se fará elle em Coimbra ? licenciado não : é máo officio ; letrado ? era bom... sim, letrado.... mas não ; não, tenho zanga a quem me lida com papeis e demandas... Clerigo ?... um senhor clerigo é muito bom. é uma cousa muito seria... ganha-se muito... póde vir um dia a ser cura. Está dito, ha de ser clerigo.... ora, se ha de ser : hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o vér pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança que não gosta delle que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta, idéa um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe .

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha elle 9 annos); é preciso que aprenda alguma cousa para vir um dia a ser gente ; de segunda-feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de ir mais ao quintal, nem hei de brincar na porta ?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa.....

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta ; não era bom annuncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho : « Farte-se de travessuras por este resto da semana. » e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de máo lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora ; o padrinho foi achal-o por duas ou tres vezes á cavallo em

cima do muro que dividia o quintal da casa do visinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, viu ao longe no principio da rua um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e pôz-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra do Bom Jesus.

Ha bem pouco tempo que existião ainda em certas ruas da cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

Às quartas-feiras e em outros dias da semana sahia do Bom-Jesus e de outras igrejas uma especie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavão e o povo acompanhava a reza.

Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavão-se todos, e oravão durante muito tempo.

Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamão contra o desrespeito dos moços de agora.

Caminhavão elles em charola atrás da procissão, interrompendo a cantoria com dicterios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pou-

co decentes, levavão longos fios de barbante, em cuja extremidade ião penduradas grossas bolas de cêra. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavão-se em distancia conveniente, e escondidos por trás de um ou de outro, arremessavão o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavão rapidamente o barbante, e ninguem podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavão vozeria e gargalhadas na multidão.

Era a isto que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremecêra de prazer ao vêr approximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para vêr mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve elle então um pensamento que o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: «farte-se de travessuras:» espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do logar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gar-

galhadas e seus gritos para augmentar a vozeria. Era um prazer febril que elle sentia ; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou e só não fez daquillo que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dous outros meninos do seu tamanho que tambem ião no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom Jesus.

CAPITULO IV

FORTUNA

Emquanto o compadre, afflicto, procura por toda a parte o menino, sem que ninguem possa dar-lhe novas d'elle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova, havia ao pé de um charco, uma casa coberta de palha da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada, bem denotavão que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto ; toda a mobilia erão dous ou tres assentos de páo, algumas es-

teiras em um canto, e uma enorme caixa de pão, que tinha muitos empregos : era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestavel ; era um caboclo velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna!*

N'aquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exercião semelhante profissão.

Já se vê que inexgotavel mina não achavão nisso os industriosos!

E não era só a gente do povo que dava credito ás *feiticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então ião ás vezes comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da practica de algumas immoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dado na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que soffria em uns novos amores que lhe fazião agora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana ; o Leonardo a vira

pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascêra outro que tambem não foi a este respeito melhor aquinhoado; mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia, e elle andava sempre apatacado, não lhe fôra difficil conquistar a posse do adorado objecto; porém a fidelidade, a unidade no gôzo, que era o que sua alma aspirava, isso não o pudera conseguir; a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capiães de navio; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez porém, como não erão saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e emprega o pranto, as supplicas, as ameaças, porém tudo embalde, decidiu por isso a buşcar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinhamo podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavão sempre por

uma contribuição pecuniaria, e ainda nada havia conseguido ; tinha soffrido fumigações de ervas suffocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor : sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia ; ia depositar quasi todas as noites em lugares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxilio, dizia o caboclo, as suas divindades ; e apesar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se á ultima prova. que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. Á hora aprazada lá se achou o Leonardo ; encontrou na porta o nojentó nigromante, que não consentiu que elle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraiso, cobriu-o depois com um manto immundo que trazia, e só então lhe franqueou entrada.

A sala estava com um apparatus ridiculamente sinistro, que não nos cançaremos em descrever ; entre outras cousas, cuja significação só conheciamo os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas

que lhe forão ensinadas na occasião; depois foi orar junto da fogueira. Neste momento sahirão do quarto tres novas figuras, que vierão tomar parte na cerimonia, e começarão então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda de Leonardo. De repente sentirão bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer :

— Abra a porta.

— O Vidigal!! disserão todos a um tempo, tomados do maior susto.

CAPITULO V.

O VIDIGAL.

O som daquella vóz que dissera « Abra a porta » lançára entre elles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão; era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderião escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia

respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuia a penna, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua *justiça* era infallivel; não havia appellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia emfim uma especie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que haviam na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda mais policia de dia. Não havia

becco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do Sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não eráo muito respeitados, ouvia-se dizer « está ahí o Vidigal, » mudavão-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto serio. Quando algum dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo e trabalhador) era sorprendido de noite de capote sobre os hombros e viola a tiracolo, caminhando em busca de sucia. por uma voz branda que lhe dizia simplesmente « venha cá : onde vai ? » o unico remedio que tinha era fugir, se pudesse, porque com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadêa, ou pelo menos da *casa da guarda na Sé*; quando não vinha o *covado e meio as costas*, como consequencia necessaria.

Foi por isso que os nossos magicos e a sua infeliz victima puzerão-se em debandada mal conhecêráo pela voz quem se achava com elles.

Quizerão escapar-se pelos fundos da casa, porém ella estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se vião a arma de que acima fallámos. A porta abriu-se sem muita resistencia, e o major Vidigal, porque era com effeito elle, com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de nigromancia: estava ainda acesa a fogueira, e os mais objectos que servião ao sacrificio.

— Oh ! disse elle, por aqui dá-se fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deus...

— Eu tinha desejos de ver como era isso ; continuem... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitarão um pouco, porém vendo que resistir seria inutil, começaram de novo as ceremonias, de que os soldados riãose, ante- vendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia ; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo logar ; e recomeçou a dança, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentarão parar, o major disse brandamente :

— Continuem.

Depois de muito tempo quizerão parar de novo.

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuarão por mais meia hora; passado esse tempo, já muito cansados, tentarão dar fim.

— Ainda não; continuem.

Continuarão por tempos esquivados, já estavam que não podião de estafados; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu-se por satisfeito, mandou que parassem, e sem se alterar disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada:

— Toca, granadeiros.

A esta voz todas as chibatas erguerão-se, e cairão de rijo sobre as costas daquella *honest* gente, fizerão-n'a dansar, e sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um um sermão, em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar áquelle excesso, e que terminava sempre por esta pergunta:

— Então você em que se occupa?

Nenhum delles respondia. O major sorriã-se e accrescentava com riso sardonico:

— Está bom!

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você. um official de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto; já não sei de que meios use.....

— Você ha de ficar curado! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levára, comtanto que ellas ficassem em segredo; mas ir para a casa da guarda, e della talvez para a cadêa. isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o poupasse; o major foi inflexivel. Desfez então a vergonha em pragas á maldicta cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sé; era uma especie de deposito onde se guardavão os presos que se fazião de noite. para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades ião por ali de manhã e sabião com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve o Leonardo o resto da noite e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e vendo-o entrou para fallar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre cor-

poração dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo, e já se preparava para dar-lhe uma solenne pateada quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostrarão-se sentidos, porém secretamente não deixarão de estimar o contratempo porque o Leonardo era muito afreguezado, e em quanto estava elle preso as partes os procuravão.

CAPITULO VI

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA

O compadre, apenas dera por falta do afillhadó, viu-se presa da maior afflicção: poz em alarma toda a visinhança, procurou, indagou, mas ninguém lhe deu novas nem mandados d'elle. Lembrou-se então da Via-Sacra, e imaginou que o pequeno a teria acompanhado; percorreu todas as ruas por onde passára o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças; chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus,

onde lhe disserão ter visto tres meninos que por se portarem endiabradamente na occasião da entrada da Via-Sacra o sacristão os corrêra para fóra da igreja.

Foi este o unico signal que pode colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa abriu-se o postigo de uma rotula contigua, e uma voz de mulher perguntou :

— Então vizinho, nada ?

— Nada, visinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora quando eu digo que aquella criança tem mãos bofes...

— Visinha, isto não são cousas que se digão...

— Digo-lhe e repito-lhe que tem mãos bofes... Deus permitta que não, mas aquillo não tem bom fim...

— Oh! senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com minha vida e mais das cousas que me pertencem? Metta-se consigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando :

— Um dia faço aqui uma estrallada com esta mulher: é sempre isto! parece um agouro!

Toda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno : e depois de ter formado mil planos disse consigo.

— Em ultimo lugar vou ter com o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas.

Entretanto vamos satisfazer ao leitor, que ha de talvez ter curiosidade de saber onde se metteu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veiu tambem para o Brazil a praga dos Ciganos. Gente ociosa e de poucos escrupulos, ganhãrão elles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos : ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha certeza de levar carôlo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se falla, deixarão-na da outra banda do oceano ; para cá só trouxerão mãos habitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pôde dizer alguma cousa a respeito. Vivião em quasi completa ociosidade ; não tinham noites sem festas. Moravão ordinariamente um pouco arredados das ruas populares e vivião em plena liberdade. As mulheres trajavão com certo luxo relativo aos seus haveres : usavão de rendas e fitas ; davão preferencia a

tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço ; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os fazião conhecidos.

Os dous meninos com quem o pequeno fugitivo travára amizade pertencião a uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de *Campo dos Ciganos*. Tinhão esses meninos, como dissemos, pouco mais ou menos a mesma idade que elle: porém acostumados á vida vagabunda, conhecião todá a cidade, e a percorrião sós, sem que isso causasse cuidado a seus pais ; nunca faltavão ao acompanhamento de Via-Sacra, né m a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clerigo, a elle se associarão, e o carregarão para casa de seus pais, onde, como de costume, havia festa de ciganos, e este costume ainda hoje se conserva ; fazião, dissemos, festa todos os dias, porém motivavão-na sempre. Hoje era um baptisado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle, festa deste, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um oratorio armado, e festejava-se um santo de sua devoção ; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escriptulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizeram do que elle ia ver se os acompanhasse, que dicitu-se a segui-los até onde quizessem.

Chegarão enfim á casa, onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratorio illuminado por algumas pequenas velas de cêra, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca. Servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam collocados assentos de toda a natureza, bancos, cadeiras, etc, onde se assentavão os convidados. Não erão estes em pequeno numero, erão ciganos e gente do paiz; trazião *toilettes* de toda a casta, do soffrivel para baixo; mostravão-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entrarão sem que alguem reparasse nelles, e forão collocar-se juntos do oratorio.

Dahi a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa dansa tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmãs, cada qual mais

original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, dança no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais difficultosos, tomando as mais airosas posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com os dedos, e vai depois pouco e pouco aproximando-se de qualquer que lhe agrada; faz-lhe diante algumas negaças e viravoltas, e finalmente bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre a roda toda até que todos tenham dansado.

Outras vezes um homem e uma mulher dansão juntos; seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanhão-se a passos lentos, ora apressados, depois repellêm-se, depois juntão-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, emquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo e com os braços, recúa vagarosamente, outras vezes é ella quem procura o homem, que recúa por seu turno, até que enfim acompanhão-se de novo.

Ha tambem a roda em que dansão muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado ás vezes estrondoso e prolongado, ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda ontras fórmulas de que

não fallámos. A musica é diferente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino esquecido de tudo pelo prazer, assistiu á festa em quanto pôde; depois chegou-lhe o somno, e reunindo-se com os companheiros em um canto, adormecerão todos embalados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros, e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia sahindo para começar nas pesquisas quando esbarrou com elle.

— Menino dos trezentos..... onde te metteste tu?...

— Fui ver um oratorio... Não diz que eu hei de ser padre ?

O padrinho olhou-o por muito tempo, e afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mostrava, desatou a rir, e levou-o para dentro já completamente apaziguado.



CAPITULO VII

A COMADRE

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma personagem que representará no correr desta historia um importante papel, e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonnachona, ingenua ou tola até um certo ponto, e finoria até outro; vivia do officio de parteira, que adoptára por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conhecião por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se fazião; sabia de cór os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario; não lhe escapava Via-Sacra, proccissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia á das 8

na Sé, e dahi sahindo, pihava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esphera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engommado ao pescoço, outro na cabeça, um rosario pendurado no cóz da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto á renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso. Nos dias duplices, em vez de lenço á cabeça, o cabello era penteado, e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolitas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso hespanhol; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prozaica que se póde imaginar, especialmente quando as que as trazião erão baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa, (que erão as mais frequentadas então, tomava um aspecto lugubre logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros, que se união unş aos outros, que se inclinavão cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o traje mais conveniente

aos costumes da época; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas; erão o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia noticias d'elle, nem da Maria, nem do affhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa :

— E' o que lhe digo: a saloiazinha era da pelle do tihoso !

— E parecia uma santinha.... e o Leonardo o que lhe fez ?

— Ora, desancou-a de murros; e foi o que fez com que ella abalasse mais depressa com o capitão... pois olhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora !...

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão?...

— O padrinho tomou conta d'elle; quer-lhe um bem extraordinario.... está maluco o coi-

tado do homem, diz que o menino ha de por força ser padre.... mas qual padre, se elle é um endiabrado !....

Nesta occasião levantava-se a Deus e as duas beatas interrompêrão a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a vizinha do compadre, que prognosticava máo fim ao menino, e com quem elle promettêra fazer uma estrallada: a outra era uma das que tinham estado na funcção do baptisado.

A comadre, apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levára a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menbres detalhes; isso lhe dava longa materia para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavão aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro; e apenas o avistou foi-lhe dizendo :

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado... filho do Reino...

— Apertára-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja ella entre as unhas do ti-

nhoso! Olhem que joiazinha... E você, mestre, ficou com a carga às costas.

— Carga, não... eu quero -lhe bem, elle é socegadoinho...

Começou então um interrogatorio minucioso acerca do que tinha succedido em casa do Leonardo: e os dous, compadre e comadre, desabafarão a seu gosto. Depois o compadre narrou sem ser interrogado, todas as gentilezas do afillhado, e contou suas intenções a respeito delle. A comadre não concordou com ellas, o que nada agradou ao compadre, não via o menino com geito para padre; achava melhor mettê-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre porém persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realizados. A final a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabára de saber a quanto conhecido encontrou, sem escrupular muito em accrecentar mais huma ou'outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na realisação de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino; porém por primeira contrariedade, este impacou no F, e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.

CAPITULO VIII

O PATEO DOS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava Palacio d'El-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com elles denominavão o — *Pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que elle então servia : passavão ali todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inuteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavão em santo ocio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre cousas do

seu tempo, e censurando as do que com razão já não suppunhão seu, porque nenhum delles era menor de 60 annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a resonancia de suas respirações passando pelos narizes atabacados, entoavão um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavão, vinhão apreciar á porta. Erão os pobres homens muitas vezès victimas de caçoadas, quenaquelle tempo, de poucas preocupações, erão o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava:

— Sr. Tenente-Coronel, El-rei procura por V. S.

Qualquer delles acordava espantado, tomava o chapéo armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéo torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

—A's vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e o mandava embora.

Quando chegava o pobre homem á baixo, ia cada um dos que por ali se achavão indagar, o

mais seriamente que era possível, qual tinha sido o objecto do chamado d'el-rei.

Fazão-lhes d'estas e d'outras, mas dahi a pouco deixavão-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos* militares, que entra tambem na nossa historia.

Era um velho como seus companheiros, porém de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davão : suas feições quebradas pela idade tinhão ainda certa regularidade de contorno que, bem denotava que no seu tempo de rapaz não fôra a respeito de belleza mal favorecido; de seus cabellos que o tempo levára restavão apenas orlando-lhe as temporas e a nuca alguns anneis crespos e prateados; sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhára por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhára el-rei na sua vinda ao Brasil.

Estas qualidades porém não lhe servião de salva-guarda, e soffria como os outros as caçadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar, por algum tempo em particular, passavão uns e ou-

tros e escarravão junto da porta, ou deixavão escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo ! gósto do bom gosto dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça portanto o leitor a conversa dos dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar, venho me valer de V. S.: meu compadre Leonardo está na cadêa.

— O Leonardo?! mas então porque?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado!... disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de fallar por elle ao Sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu. coitado do homem: é uma vergonha; mas tambem elle não se emenda!

E proseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a historia dos infelizes amores

do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixára e de que o padrinho tomára conta : passou depois a relatar todo o occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circumstancia. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometteu satisfazer, e então sahiu ella recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahiu estava encostado um cadete que lhe disse :

— Estimo que fosse feliz; no dia do baptisado não se esqueça da gente.

— Arrengo ! foi a unica resposta que ella deu, e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonordo, e porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo apenas se achou na cadêa lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com elle, missão que ella aceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos, satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahiu, tomou o chapéo armado, poz a espada á cinta e sahiu,

depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vai tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao enthusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometeu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê pois o leitor que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isso.

CAPITULO IX

O—ARRANJEI—ME—DO COMPADRE.

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castellos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjet-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes; por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegára a idade de acordo da vida, achou-se em casa de um barbeiro que d'elle cuidava, porém que nunca

lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade indagal-o.

Esse homem ensinára-lhe o officio, e por inaudito milagre também a ler e escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu.... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outra com a do filho, por outro com a do aggregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava se do que por elle tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se á sua custa e a pagar a morada com os seus *ganchos* que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém querião ainda mais : exigião que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade : já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta; fez-se duro, e safou-se de casa sem escrupulos nem remorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinhão-no criado : elle

tinha servido. Também não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de reflectir, quasi que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear embaixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes trastes estava com as armas e uniforme do officio; porém isso não bastava; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahi em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se vão seguir.

Achou ambas as cousas; uma trouxe a outra.

No largo do Paço um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar chamou-o para que lhe fizesse a barba: mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarella, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguez. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajava para

a *Costa* e occupava-se no commercio dos negros; era um dos comboyos que trazião fornecimento para o *Vallongo*, e estava prompto a largar.

—O' mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

—Sim, eu também sangro....

—Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir comnosco... para curar a gente a bordo; morreu-se ali que é uma praga.

—Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*...

—Pois já não disse que sabe também sangrar?

—Sim....

—Então já sabe até de mais.

No dia seguinte sahiu o nosso homem pela barra fóra: a fortuna tinha-lhe dado o meio. cumpria sabel-o aproveitar; de official de barbeiro dava um salto mortal a *medico* de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoecêrão dous marinheiros; chamou-se o medico; elle fez tudo que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfectos. Com isto ganhou immensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegarão com feliz viagem ao seu destino; tomarão o seu carregamento de gente, e voltarão

para o Rio. Graças a lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio o capitão do navio adoeceu; a principio nem elle nem ninguém teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém repentinamente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convencêrão-se todos e o proprio doente capitão de que estava chegada a sua hora. Nem por isso porém inculpárão o nosso homem.

—Ali não ha sangria que o salve, dizem; chegou a sua vez de dar a costa... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e, como dissemos, tendo o *medico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhal-as.

O capitão chamou-o á parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de páo pejadas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse á terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella

viagem e lhe dar o mesmo destino. Erão estas as suas unicas e ultimas vontades que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nenhum só doente escapou mais, porque o *medico* já não sangrava tanto; andava preocupado, distrahido, e assim levou até chegar á terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem, e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão... historias: quem é que lhe havia tomar conta disso? Ninguem viu o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podião ter desconfiado e fazer alguma cousa erão os marinheiros; porém estes partirão em breve de novo para a *Costa*.

Eis-aqui como se explica o *arranjei-me*, e se explicão muitos outros que vão ahi pelo mundo.

CAPITULO X

EXPLICAÇÕES

O velho tenente-coronel, apezar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciencia um sof-

frivel par de peccados, desses que se chamão da carne, e que não hão de ser levados em cõta, não de hoje, que a idade o tornára inoffensivo, porém do tempo da sua mocidade; o resultado de um delles fôra um filho que deixara em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle sahido ao pai, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste puderão encaminha-lo por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento, Bastantes vergonhas custára ao pobre pai, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhes os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas de jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve porém uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permittirão que tivesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brazil em companhia de el-rei, estando o infeliz pai em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um

lenço branco dobrado triangularmente posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatões nos pés. Parecia preza de grande agitação e de raiva ; seus olhos pequenos e azues faiscavão de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e reluzentes, seus labios franzinos e franzidos apertavão-se violentamente um contra o outro como prendendo uma torrente de injurias, e tornando mais sensível ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente ao capitão, era este o posto que tinha nesse tempo o velho, foi-se chegando para elle com ar resolutivo e enfurecido. O capitão recuou instinctivamente um passo.

— Ah ! Sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas cadeiras, chegando a boca muito perto do rosto d'elle e abanando raivoza a cabeça: olhe que isto assim não vai direito : faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos a ferver... e eu estouro... já viu !..

— Mas o que ha então, mulher?... Eu não lhe conheço....

— Não quero cá saber de nada.... Já lhe disse que isto não vai bem... e eu estouro...

— Mas porque?... o que é que tem?... É preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer... Estouro, já lhe disse, Sr. capitão!...

— Pois estoure com trezentos diabos! mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada que dizer... já lhe disse... isto põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum... Ir-me por lá com ares de santarrão comprar frutas...

— Quem, mulher de Deus? Você não se explicará?

— Qual explicar, nem meio explicar! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os chegos ao mundo, e ella uma pobre rapariga tôla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim prégar o mono na bochecha, e a ella em logar ainda mais melindroso....

— Mas quem é que préjou monos a você mais a ella? e quem é ella?...

— Faz-se de novo! continuou a mulher exasperando-se; pois o Sr. capitão já não tinha consentido no casamento?...

— Que casamento? com quem?...

— Ai, ai, ai, que cá me anda a cabeça como uma nóra solta... Pois o Sr. capitão não sabe que tem um filho?...

— Sim, sei. respondeu este começando a descobrir o mysterio.

— E não sabe que elle é um pedaço de um mariola!...

A isto o capitão podia, porém não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

— E que mais?...

— E não sabe também que eu tenho uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariazinha?

— Como, se eu nem a conheço?

— Pois é uma rapariga muito capaz... e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo! namoro para cá, namoro para lá, presentes daqui, promessas d'acolá... e afinal de contas... braz!... E então que lhe parece?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometeu casamento, dizendo que o Sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella também teve sua culpa... mas eu desculpo isso, porque também já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porque... emfim a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguirão viu-se

reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel, a mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despediu a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja lá, disse ella ao sahir; se o negocio não se arranja, eu estouro!...

O pobre homem ficou nos apuros: foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que desistisse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém a mãe aconselhou-a que aceitasse, sem duvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um *pouco* remediado, posto que a consciencia do capitão, que era homem de honra, não ficara de modo algum satisfeita. O tempo porém não dava lugar a mais; era chegado o momento de acompanhar a el-rei, e elle partiu deixando o filho recommendado a quantos amigos tinha. Decorrêrão os annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Maria-

zinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado, porém quiz fazê-lo occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade: Nunca, porém, teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que se lhe attribuia, e que a comadre o aconselhou de procura-lo mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Eis-aqui porque o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometeu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahiu, sahiu elle tambem, e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro á cadêa para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre são exactissimas, e que ella não deixára escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetiu e

confessou tudo o que elle ja sabia, corrido de embaraço e de vergonha ; e ao despedir-se o velho :

— Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle. V. S. já me livrou de uma que não era culpa minha ; livre-me desta tambem... olhe que está compromettida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está compromettido é o seu juizo : hão de dizer, (e eu sou o primeiro), que você está doudo.

— Fugi de uma saloia e fui cahir n'uma cigana... tem razão!...

O velho sahiu sorrindo-se. Dahi dirigiu-se á casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para delle obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páo com pequenos postigos que se abrião ás furtadellas, sem que ninguem de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotula e as paredes encardidas pelo tempo davão á casa um aspecto triste no exterior ; quanto ao interior, andava pelo mesmo conseguinte. A sala era pequena e baixa : a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo ; todas

as peças são enormes e pesadas ; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altísimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofado e a palhinha. Quem quiser ter idéa exacta destes moveis procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes são ornadas por uma dúzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paisagens e flôres feitas de conchinhas de todas as côres, que não são totalmente feios, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A direita da sala havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia finalmente em um canto uma palmeira, destas que se distribuem no domingo de ramos; e se o leitor agora suppuzer tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, que era pouco mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demorámos em descrevê-lo.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa : era um homem já velho e de cara um pouco ingrata; vinha de tamancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de

xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lenço encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse fallar a el-rei a favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo:

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho? El-rei ha de rir-se do meu afilhado.

Afinal, porém, teve de ceder a instancias da amizade, e prometteu tudo. O velho sahio satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura, e elle foi posto na rua. Acreditára que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porem insupportaveis torturas começarão para elle no dia em que sahio da cadêa : a mofa, o escarneo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martyrisador.

CAPITULO XI.

PROGRESSO E ATRAZO.

Dadas as explicações do capitulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um

pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa noticia : o menino desempacára do *F.* e já se achava no *P.* onde por uma infelicidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças ; declara positivamente que nunca vio menino de melhor memoria do que o afilhado, e cada licção que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cousa que o entristece no meio de tudo : o menino tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito á religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo-signal da esquerda para a direita, fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciência e boa vontade, faze-lo repetir de côr sem errar ao menos a metade do padre-nosso ; em vez de dizer « venha a nós o vosso reino » diz sempre « venha a nós o pão nosso. » Ir á missa ou ao sermão é para elle o maior de todos os supplicios, isto faz que o padrinho desespere ás vezes, e até chégue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clerigo ; porém são nuvens passageiras ; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle porém esperava não esperavão todos, e ninguem via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza ; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chama de faca e calháo, vanlentina, presumçosa, e que se gabava de não ter papas na lingua : era viuva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via geito para cousa nenhuma, que não queria para cousa que lhe pertencesse o fim que elle havia ter, e que quando elle crescesse o melhor remedio era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou pôr-lhe o covado e meio ás costas. O barbeiro desesperava com isso ; por muito tempo conseguiu conter-se, porém um dia não pôde mais, e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha que estava á janella disse-lhe em tom de zombaria :

— Então, vizinho, como vai o seu reverendo ?

Um velho que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e accrescentou :

— Padre amigo do fado... tem que ver... Quando vai elle outra vez á casa dos Giganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou :

— Então elle já encarrilha o padre-nosso ?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injuria bem grande para responder, disse afinal :

— Já... já... senhora intromettida com a vida alheia... já sabe o padre-nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido que está a esta hora dando couces no inferno !...

— Heim?... o que voce diz, senhor raspa-barbas? voce mette terceiros na conversa ? disse a vizinha encrespando-se ; olhe que esse de quem voce falla nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta comigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr-lhe os podres na rua... Couces no inferno !!! Ora da-se ? um santo homem.. Couces no inferno.. Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriadão muito grande, que ha de deshorrar

as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça... já ouviu? não se metta comigo... E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição?

Ella proseguiu:

— Hei de me metter; não é da sua conta. nem venha cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal?

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se eu fosse alguma saloia ou mulher de barbeiro.... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem mãos bofes, e não ha de ter bóm fim...

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom genio, e que só fôra levado áquelle excesso pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora, tomára a vizinhança ver-se livre do tal diabo...

O menino chegou nessa occasião á porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetiu:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que deu-se por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah! disse a vizinha, agradece a boa vontade, meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa: a culpa tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu o menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recolheu-se, porém por muito tempo fallou em voz alta, de maneira que toda a vizinhança ouvia, dizendo quando improprio lhe veiu á cabeça, contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno encheu-me as medidas, disse este consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle velho de defronte que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião.

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter sabido, pouco se importára com a prisão do Leonardo, e referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas:

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte agarrado em quanto rabo de saia lhe apparece.

Nem foi á cadeia visital-o, nem levar-lhe o

filho para tomar a benção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto na rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que, se conseguisse felicitá-lo, lavaria seu filho do peccado de ter deshonrado a Maria. Por intermedio da comadre mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propor até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel, foi a instancias da comadre.

— Não quero? dizia elle, que me roubem o gosto de tê-lo feito gente ; comecei a minha obra, hei de acaba-la.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal ; olhe que o velho é homem de representação ; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui a esta sucia da vizinhança ; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, aceito;

mas quanto a tira-lo da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra ; hei de levar a minha avante.

CAPITULO XII.

ENTRADA PARA A ESCOLA.

E' mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando para não cansar o leitor repetindo a historia de mil travessuras de menino no genero das que já se conhecem ; forão diabruras de todo o tamanho que exasperarão a vizinha, desgostarão a comadre, mas que não alterarão em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afilhado ; cada vez esta augmentava, se era possivel, tornava-se mais céga. Com elle crescião as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos : lia soletrado sofrivelmente, e por inaudito triumpho da paciencia do compadre aprendera a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou ; foi um dia de orgulho e de prazer ;

era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem geito para padre, pensou consigo; ora acertei a alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clerigo de truz. Vou tratar da mette-lo na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e fallar ao mestre para receber o pequeno: morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escrevião os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros; nas paredes e no tecto havião penduradas uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavão e cantavão passarinhos de diversas qualidades: era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimaes, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de oculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade. O

barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaquetas ou *robições* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracollo : chegarão os dous exactamente na hora da taboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *cantochão* monotono e insupportável, mas de que os meninos gostavão muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, fazião uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra ensinando a marcar compasso. O compadre expoz, no meio do ruido, o objecto de sua visita, e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria ; soletra já alguma

cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m'ò quizer dar, tenho aqui o remedio; *Santa ferula!* disse o mestre brandindo a pal-matoria.

O compadre sorriu-se, querendo dar a enten-der que tinha percebido o latim.

— E' verdade: faz santos até as feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da traducção.

— Mas espero que não ha de ser necessaria, accrescentou o compadre.

O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na porta da rua prestes a sahir, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, sahe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe a benção, e sahirão então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até a porta. Logo nesse dia por-

tou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara: declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio-dia veio o padrinho busca-lo, e a primeira noticia que elle lhe deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?..

— Mas não é preciso apanhar.....

— Pois você já apanhou?...

— Não foi nada, não, senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito....

— Pois você vai-se rir quando o mestre ralha..

Isto contrariou o mais que era possivel ao barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era bem feito.

Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que fallaria ao mestre para que elle lhe não desse mais. Isto porém não era cousa que se fizesse, e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola, e por principio nenhum queria estar

quieto e calado no seu banco; o mestre chamou-o e pô-lo de joelhos a poucos passos de si; passado pouco tempo voltou-se distrahidamente, e sorprende-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promette muito...

O menino resmungando dirigiu-lhe quanta injuria sabia de cór.

Quando o padrinho voltou de novo a busca-lo, achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e de nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azuou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia!... disse consigo; isto é praga daquella maldita mulher.... mas hei de teimar, e vamos ver quem vence.

CAPITULO XIII

MUDANÇA DE VIDA

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola

durante dous annos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Em todo este tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos; e apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o fôra para com elle : o menino tinha a bossa da desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má-criação que se pôde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava; se se queria que estivesse serio, desatava a rir como um perdido com o maior gosto do mundo; se se queria que estivesse quieto, parece que uma mola occulta o impellia e fazia com que dêsse uma idéa pouco mais ou menos approximada do motu continuo.

Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias : era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, comtanto que lhe cahisse nas mãos : um lapis, uma penna, um registo, tudo lhe fazia conta, o dinheiro que apurava empregava sempre do peor modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas, e não precisava mais de que elle o acom-

panhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuiu a que elle fosse sózinho fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito, e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o appellido de *gazeta-mór* da escola, o que tambem queria dizer *apanha bolos-mór*. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes em que fugia á escola era a igreja da Sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé á missa, e mesmo fóra disso, reunia-se gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomára particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e é isso o que elle queria, porque internando-se na multidão dos que entravão e sahião, passava despercebido, e tinha segurança de que o não acharião com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomára conhecimento e travára estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravão limitavão-se a trocar olhares significativos emquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim, porém, que se acabavão as missas, e que sahião as verdadeiras beatas, reunião-se os dous, e começavão a contar suas diabruras mais

recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacência, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um caniço, e fazião juntos o serviço e as maroteiras: a mais pequena que fazião era irem de altar em altar escorropichando todas as galhetas, o que lhes incendia mais o desejo de traquinar.

Esta vida dtrou por muito tempo; porém afinal já erão as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhal-o outra vez todos os dias para a escola, o que desfez todos os planos que os dous tinhão concertado. O nosso futuro clerigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido como o seu companheiro de uma batina e uma sobrepeliz, e feito tambem sacristão, ter a toda hora á sua disposição quantos caniços quizesse, ter por sua e de seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o thurybulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! isto era um sonho de venturas! Vendo-se privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte dèsses prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearão-se-lhe os desejos, começou a confessal-os ao padrinho, dando a entender que na-

da havia de que agora gostasse tanto como fosse a igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno via furo aos seus projectos.

—Eu bem dizia.... pensava comsigo; não tem duvida, vou adiante; o rapaz está-me enchendo as medidas.

Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima e propoz ao padrinho que o fizesse sacerdote.

—Isso seria muito bom, disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou ao padrinho, porém mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal, porém, tantas forão as rogativas e argumentos do pequeno, que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupando assim as remessas diárias de bolos.

— Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe ler alguma cousa e escrever: deixo-o, para fazer a vontade, algum tempo na Sé, para que tambem tome mais amor áquella vida, e depois, apenas o vir com o juizo mais assente,

hei de ir adiante com a cousa. Foi em consequencia procurar aquelle sacristão da Sé que dançára o minuete na festa do baptisado, que era nada menos do que o pai do sacristãozinho com que o nosso pequeno travára amizade, para arranjar o afilhado, que não queria outra igreja que não fosse a Sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendêra pouco mais ou menos todo o ceremonial que é mister a um sacristão: ajudar a missa já elle sabia, as outras cousas aprefeiçoou-se em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se, e em uma bella manhã sahiu de casa vestido com a competente batina e sobrepelliz e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a vizinha dos mãos agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma asneira do compadre; porém reparando, comprehendeu o que era, e desatou uma gargalhada.

—E que tal?!... Deus vos guarde, Sr. cura, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou-lhe um olhar de revéz, e respondeu entre dentes:

—Eu sou cura, e hei de te curar...

Era aquillo uma promessa de vingança.

—Ora dá-se? continuou a vizinha comsigo mesma : aquillo na igreja é um peccado !!

Chegou o menino á Sé impando de contente, parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptisados e um casamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia porém o negocio começou a mudar de figura, e as bregeiradas começarão.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com uma tocha, e ao companheiro o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettera *curar*, sem pensar no que fazia collocou-se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocarão-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente, e de maneira tal, que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atrás e outro adiante. Começarão então os dous uma obra meritoria: enquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendião fossem bater de cheio na cara da po-

bre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastadas de cêra derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse-lhes não sabemos o que.

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de lugar e sahir, porém o aperto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturar o supplicio até o fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de ceremonias, e fez uma enorme queixa, que custou aos dous uma tremenda sarabanda. Pouco porém se importarão com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

CAPITULO XIV

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO

A sarabanda que o mestre de ceremonias passára aos dous pequenos em razão do que haviam feito á pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoarão porém a humilhação que soffrerão diante da sua victima, e a

vingança de que ella tinha gozado; na primeira occazião que tiverão tirárão desforra, pregando tambem uma peça ao mestre de ceremonias.

Foi o caso assim :

O mestre de ceremonias era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da Ilha Terceira, porém que se dava por puro Alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro refinado Sardanapalo, que podia por si só fornecer a Bocage assumpto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém interiormente era sensual como um sectario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém outro tanto não acontecia aos dous meninos, que andavão ao facto de tudo: o mestre de ceremonias, fiado em que pela sua pouca idade darião elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos do que a cigana, objecto dos ultimos cuidados de Leonardo com quem S. Revma. vivia a certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de ceremonias era sempre o pregador: era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligencia, que não era nelle cousa muito vigorosa. Já se vê pois que elle devia amar o seu sermão tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que por doente o não pôde pregar. Entendia que todos o ouvião com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz; emfim, aquelle sermão annual era o meio por que elle esperava chegar a todos os fins, a que contava dever toda a sua elevação futura; era o seu talisman. Digamos entretanto que era bem máo caminho o tal sermão, porque se podia elle demonstrar alguma cousa era a insufficiencia do padre para qualquer cousa desta vida, excepto para mestre de ceremonias, em que ninguem o desbancava. Pois foi nesse ponto delicado que os dous meninos buscáráo feri-lo, e o acaso os favoreceu excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de ceremonias não sahia de casa, empregado em decorar

a importante peça. Foi o nosso sacristão calouro encarregado de lhe ir avisar da hora do sermão. Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava a estar; bateu, e, apezar de todas as recomendações que costumava ter, disse em voz alta :

— O Rev. mestre de ceremonias está ahí?...

— Falle baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula... O que quer você com o Sr. padre?

— Precisava muito fallar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que amanhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— As dez? Uma hora mais tarde do que de costume....

— Justo, respondeu o menino sorrindo-se internamente de alegria, e sahiu.

Foi logo d'ali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha sahido completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão, e pôr isso, encarregado de lhe indicar a hora, a trocára, e em vez de nove dissera dez.

Dispuzerão-se as cousas ; postou-se a musica de barbeiros na porta da igreja ; andou tudo em reboço : ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo erão feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeitos, do que as de hoje : tinham entretanto alguns lados comicos ; um delles era a musica de barbeiros á porta. Não havia festa em que se passasse sem isso ; era cousa reputada quasi tão essencial como o sermão ; o que valia porém é que nada havia mais facil de arranjar-se ; meia duzia de aprendizes ou officiaes de barbeiro, ordinariamente negros, armados, este com um piston desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavão uma orchestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delicias dos que não cabião ou não querião estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seus tramites regulares ; porém apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do pregador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se a toda pressa um dos meninos que não entrara na festa para ir procurar o padre ; elle deu duas voltas pela vizinhança, e veiu dizendo que o não tinha en-

contrado. Subirão os apuros; não havia remedio; era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo á festa um capuchinho italiano que por bondade, vendo o aperto geral offereceu-se para improvisar o sermão.

— Mas V. Revma, não falla a lingua da gente, objectarão-lhe.

— *Capisco!* respondeu este, *ed la necessitá!*...

Depois de alguma perplexidade aceitarão-se finalmente os bons officios do capuchinho e foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorrião-se um para o outro. Apenas appareceu o pregador ao povo houve um murmurio geral; os gaiatos sorrião-se contando já com o partido que d'ali tirarião para um bom par de risadas; algumas velhas preparárão-se para uma grande compunção ao aspecto das immensas barbas do pregador; outras menos crentes, vendo que não era orador costumado, exclamarão despeitadas:

— Arrenego:

— Deus me perdõe.

— Pois aquillo é que préga hoje?...

Apezar porém de tudo isto, a attenção foi profunda e geral, animando a todos uma grande curiosidade. O orador começou: fallava já a um quarto de hora sem que ninguem ainda o

tivesse entendido: começavam já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de ceremonias lavado em suor e vermelho de colera ; foi um susurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o prégador italiano, que sorprendido parou um instante, e entôou com voz rouca e estrondosa o seu *per signus crucis*. A'quella voz conhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se, e se dispoz a escuta-la. Nem todos porém forão desta opinião ; entenderão que devia deixar acabar o capuchinho, e começarão a murmurar. O capuchinho não quiz ceder o seu direito, e proseguiu na sua arenga. Foi uma verdadeira scena de comedia, de que a maioria dos circumstantes ria-se a não poder mais ; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavão em um mar de rosas.

— *O' meî cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchinho com voz aflautada e meiga, *la voce de la Providenza...*

— *Semelhante ás trombetas de Jericó,* rouquejava por outro lado o mestre de ceremonias...

— *Piage al cor....* accrescentava o capuchinho.

— *Annunciando a queda de Satanaz*, proseguia o mestre ceremonias.

E assim levarão por algum tempo os dous, acompanhados por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando despeitado :

... *Che bestia, per Dio!*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir protestando arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiava que partira o que acabava de soffrer. Chegou à sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dous meninos investiu para elles e prendendo à cada um com uma mão pela gola da sobrepelliz...

— Então... então... dizia com os dentes cerrados... a que horas é o sermão?

— Eu disse ás nove, sim, senhor; pôde perguntar á moça, que ella bem ouviu...

— Que moça, menino, que moça disse o padre exasperado por estar tanta gente a ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma. estava; ella ouviu, eu disse ás nove.

— Oh! disserão os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre, de ceremonias largando os meninos para evitar novas explicações, e dando satisfação aos circums-tantes com protestos de ser falso o que os meni-nos acabavão de dizer.

Entretanto serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de ceremo-nias sentado a um canto pensava consigo :

— E' que tal? não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira! Ainda em cima dizer á vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana! Nada... vou dar com elle daqui para fóra...

E com effeito tratou de fazer com os dous me-ninos, ou pelo menos o mais novo, fosse despe-dido. Sem muito custo o conseguiu, porque por certo não gosava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar: elle estava como em um paraiso, e expellião-no delle; e depois a maldita vizinha como não havia ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a Sé... tudo isto fazia-o desesperar...

Não se tinha elle enganado, em suas previsões; apenas chegou em casa, e que se soube pela vi-

zinhança do que se tinha passado, a vizinha, pilhando de geito o compadre:

— Então, disse-lhe, eu não lhe tenho dito que aquillo tem mãos bofes?...

— Senhora, pelo amor de Deus, metta-se com a sua vida...

— Estou vingada... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim...

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube tambem do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe:

— Eu bem lhe digo; elle não serve para aquillo; é melhor pô-lo na Conceição; lá ha mais sujeição; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel....

O compadre porém não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

CAPITULO XV

ESTRALLADA

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonárdo de modo algum queria emendar-se; enquanto se lembrou da cadêa, dos granadeiros e do Vidigal esqueceu-se da cigana, ou

antes só pensava nella para jurar esquecê-la; quando porém as caçadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar-se a paixão, e teve logar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veio transtornar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz que o puzera fôra de combate era o reverendo mestre de ceremonias da Sé! Subiu-lhe com isto o sangue á cabeça:

— Pois um padre!?... dizia elle; é preciso que eu salve aquella creatura do inferno, onde ella se está mettendo já em vida....

E começou de novo em tentativas, e n promessas, em partidos para com a cigana, que a cousa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de geito á janella abordou-a, e começou *ex-abrupto* a fallar-lhe deste modo:

— Você está já em vida no inferno!... pois logo um padre?!...

A cigana interrompeu-o:

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou....

— Mas você está commettendo um peccado mortal.... está deitando sua alma a perder....

— Homem, sabe que mais? você para prégador

não serve, não tem geito.... eu como estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para cousa melhor....

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora! respondeu a cigana rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que fallando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faço uma estrallada, dê no que dêr....

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia annos; segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma função; não nos daremos ao trabalho de descrevê-la; em um dos capitulos antecedentes já viu o leitor o que isso era; viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia, e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro: havia homens que vivião disso: davão pancada por dinheiro, e ião a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado

Entre os honestos cidadãos que nisto se occu-

pavão, havia, na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temivel. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamarão-n'o a principio — Chico —; porém tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throno da valentia a um companheiro que era no seu genero a maior reputação do tempo, e a quem chamavão — Juca, — juntárão este apellido ao seu, como honra pela victoria, e chamarão-nó dahi em diante — Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha-lhe já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possivel agarra-lo. Os granadeiros conhecião-no ás leguas, porém nunca conseguirão pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de ceremonias, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a fuñção.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois há de sahir-lhe cara a funçanata...

Sahiu dali e foi direito, procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas

pernas, chinellas pretas e um chapelinho branco muito á banda; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dicterios e chalaças; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros têm o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o de deboche, elle tinha o vicio da valentia; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe dêsse na cabeça, armava brigas, e só depois que dava pancadas a fartar é que ficava satisfeito; com isso muito lucrava: não havia taberneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um sacco quando appareceu-lhe o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse elle apenas o viu, pensei que ainda estava de chilindró tomando fortuna por causa da cigana...

— É mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dansa?... vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um podre!...

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu que és mestre disto...

— Eu... então por que diabo e onde queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico-Juca, entendeu o verso; carregou o chapéu um pouco mais para o lado, e pôz-se a escuta-lo com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria; tratava-se nada menos do que de ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fôsse como fôsse, á funcção da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem: preveniu-o logo que o Vidigal havia de estar por perto, e assim, apenas estivesse armada, era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isto o Leonardo não lhe quiz explicar, e tambem elle não teve grande curiosidade de saber: tratava-se de uma desordem: fôsse qual fôsse o motivo, estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegarão os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico-Juca o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e affiançou-lhe que a cousa acabava por força em desordem. Por-

tanto cumpria que o Sr. major por lá apparecesse para o que dêsse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal; você quer tirar sua desforra; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispôz-se a gozar do resultado, pondo-se á espreita de logar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia duzia de modinhas e dansado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermedio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto cuja porta estava fechada: de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar levando consigo alguma das camaradas mais do peito, e tornava a sahir; passado pouco tempo entrava ainda levando outra amiga. Alguns fazião reparo nisso, outros porém não tinhão desconfiança alguma. Ia a festa continuando, e lá pela meia noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavão viola parar subitamente, e, interrom-

pendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido :

— Isto passa de mais... varro... menos essa, Sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca estava com effeito a mais de meia hora a dirigir graçolas das suas a uma moça que elle bem sabia que era *cousa* do rapaz que estava tocando: tanto fez, que este, tendo percebido, proferiu aquellas palavras que acabamos de ouvir.

— Você respinga?!... respondeu-lhe o Chico-Juca dirigindo-se para elle.

O rapaz, que não era péco, poz-se em pé e replicou :

— Tenho dito, nada de graças com ella...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi *accommettido* por um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuia a cada qual o seu quinhão de cabeçadas e pontapés: algumas mulheres mettêrão-se na briga, e davão e levavão como qualquer; outras porém desfazião-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fóra, e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito

tempo quando assomou na porta, que elle deixára aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeada por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apesar de o terem visto quando sahia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados, não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o virão, parárão todos aterrados.

— Então que briga é esta ?... disse elle descan-sadamente.

Começarão todos a desculpar-se como podião ; e segundo o credito que merecião pela sua reputação era-lhes distribuida a justiça : se era sujeito já conhecido, e que não era aquella a primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta d'elle ; os outros erão mandados embora. Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro :

— Revista aquelle quarto....

A cigana deu um grito : o granadeiro obedeceu e entrou no quarto : ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fóra :

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu apparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Rev. mestre de ceremonias em seroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivella, e solidéo á cabeça. Apesar dos apuros em que se achavão, todos desatárão a rir : só elle e a cigana choravão de envergonhados.

Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexivel ; e o Rev. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permittido pôr-se em habitos mais decentes.

CAPITULO XVI.

SUCESSO DO PLANO.

Para socegarmos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de ceremonias, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadêa ; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecêra ao Leonardo, á vistoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, mal-

dizendo a idéa que tivera de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amazia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente: por pouco que a sua vingança não tinha sido completa: vira o seu rival, como já a elle proprio succedéra, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vistoria dos curiosos; faltára, é verdade, a sova e os dias de cadêa, porém tambem elle era um simples meirinho, e o mēstre de ceremonias um sacerdote e respeitado, e por isso qualquer cousa bastava para feri-lo gravemente.

Além disto o mestre de ceremonias, depois de graves meditações, sabendo que ficára mal visto de seus companheiros pelo escandalo que dera, se bem que fosse certo não estar nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atírar a primeira pedra, ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do logar que exercia na Sé, decidiu-se abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deusse de todo por satisfeito, e renascêrão-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não quereria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e como elle se achava com requerimento em caixa, e contava

serviços atrasados, era provavel que obtivesse favoravel despacho, porque tambem ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante : se a via na janella, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares supplicantes ; passando por junto della deixava ora escapar um maguadissimo suspiro ou uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéo armado, erão tão comicas, que toda a vizinhança se divertiu com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começarão, conversando das janelas, a atirar indirectas á cigana ; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicavel ; seu rosto coloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua côr habitual, até o rôxo ennegrecido ; depois baixou gradualmente até a pallidez marmorea ; caminhando do logar onde estava até á porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés ; quando deu acôrdo de si

estava com os olhos rasos d'agua nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que promettia ser dali em diante fiel até á morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que se o recebia de novo em sua casa era porque queria quebrar a castanha na boca daquellas más linguas da vizinhança que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si ; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acabá de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Emfim reatárão-se de todos os afrouxados laços.

O Leonardo cahiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda ; custou-lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e sérias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião: a felicidade o cegava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonardo, e começou em um longo sermão a querer persuadi-lo que tinha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda !...

— Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

— Mas, homem, você não tem se dado bem nem com as saloias nem com as ciganas ; para que antes não procura uma filha cá da terra ?...

A comadre tinha uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas ; desde ha muito nutria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá conhecimento quando ella se realizar, ou antes disso, se a perceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente....

— Não tem razão ; ha por ahi muita rapariga capaz ; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá dá cá debaixo do arco-cruzeiro....*

— E' por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada ; ella contava com a cigana para ajuda-la a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sacristão, continuava ainda a estar sem destino, o que sobre maneira incomodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava.. Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lh'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha ido pessoalmente

fallar por solicitações da comadre, porém nada conseguira. Exasperado com essa obstinação deixara o negocio de parte, e não se importara mais com cousa alguma.

CAPITULO XVII

D. MARIA

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viverão as personagens desta historia a cousa subia de ponto; enchião-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavão-se as casas, penduravão-se ás janellas magnificas colchas de seda e de damasco de todas as côres, e armavão-se coretos em quasi todos os cantos. É quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém em muito maior escala e grandesa, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, porém nós diremos, porque era feito por moda: era tanto do tom enfeitar as janellas e portas em dia de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festi-

vidades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidavel trepamoleque de dous palmos de altura.

Nesse tempo as procissões erão multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma erão de uma pompa extraordinaria, especialmente quando el-rei se dignava acompanha-las, obrigando toda a côrte a fazer outro tanto: a que primava porém entre todas era a chamada procissão dos ourives. Ninguem ficava em casa no dia em que ella sahia, ou na rua ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ella passasse, achavão todo o meio de vê-la. Alguns havião tão devotos, que não se contentavão vendo-a uma só vez; andavão de casa deste para casa daquelle, desta rua para aquella, até conseguir vê-la desfilar de principio a fim duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davão por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponho nós, alem talvez de outro, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de acha-la sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referi-la. Queremos fallar de um grande rancho chamado das — Ba-

hianas, — que caminhava adiante da procissão, attrahindo mais ou tanto como os santos, os an-dores, os emblemas sagrados, os olhares dos de-votos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dan-savão nos intervallos dos *Deo-gratias* uma dansa lá a seu capricho. Para fallarmos a verdade, a cousa era curiosa: e se não a empregassem, como primeira parte de uma procissão religiosa, cer-tamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo porque se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto, não aconselhamos porém que ninguem o adopte; um paiz em que todas as mulheres usas-sem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de peccados. Pro-curemos descrevê-lo.

As chamadas Bahianas não usavão de vestidos; trazião sómente umas poucas de saias presas á cintura, e que chegavão pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas ren-das; da cintura para cima apenas trazião uma finissima camisa, cuja gola e mangas erão tam-bem ornadas de renda; ao pescoço punhão um cordão de ouro ou um cõllar de coraes, os mais

pobres erão de missangas; ornavão a cabeça com uma especie dẽ turbante a que davão o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito teso e engommado; calçavão umas chinelinhas de salto alto e tão, pequenas, que apenas continhão os dedos dos pes, ficando de fóra todo o calcanhar; e além de tudo isto envolvião-se graciosamente em uma capa de panno preto, deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourives. Os nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não erão lá muito louvaveis; nesse dia, porém soffrião uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravão nas ruas por onde passava a procissão se abrião a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre acompanhado do afilhado, ricamente vestido nesse dia com o seu robição de duraque preto e o seu boné de pelo de lontra, a comadre e a vizinha dos máos agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo, porém dessa formosura só lhe restavão o rosado

das faces e alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presuntos, o seu lenço também branco muito engommado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que são dous grossos cachos cahidos sobre as fontes; o amarrado do cabello era feito na corôa da cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha bom coração, era bemfazejá, devota e amiga dos pobres porém em compensação destas virtudes tinha um dos peiores vicios daquelle tempo e daquelles costumes: era a mania das demandas. Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente; as suas demandas erão o alimento da sua vida: acordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas; raras vezes conversava em outra cousa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto; pelo longo habito que tinha da materia, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquelles termos juridicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, fallando nos ultimos provarás, que lhe tinha feito o seu letrado nos autos de sua demanda de terras, nas razões finaes que se tinham

apresentado na acção que intentava contra um dos testamenteiros de seu pai, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandára fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrára o compadre, de quem era antiga amiga, e a quem não via ha muito tempo, começou logo D. Maria por dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamenteiro de seu pai ainda não estava acabada, e por ahi ia já proseguindo conforme seu costume, quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou a contar a suá historia.

Começou elle pela origem do pequeno ; remontou á pisadella e ao bellisção com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, o que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptisado, que descreveu detalhadamente: Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historias da perfidia da Maria, dos ciumes do Leonardo e da briga final, cujo resultado trouxera o pequeno ás suas mãos.

D. Maria ouvia tudo com maior attenção, e só

interrompia o compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos máos agouros, que tambem já se achava presente, porém que até alli estivera distrahida, chegou-se para interterver na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então alguma das suas graçolas, accrescentando sempre no fim de cada periodo e dirigindo-se ao compadre:

— O visinho, por mais bem que lhe queria, não poderá negar isto...

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com côres muito favoraveis, não cessando de gabar a mansidão, boa indole, e dourando sempre as suas diabruras com o titulo de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou o dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com côres negras. A comadre interviu tambem nessa occasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.

D. Maria, que morria por conversa, e sobretudo por novidades, tomava o maior interesse na

historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo as suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal se podia conter, em respeito a D. Maria, com as injectivas da vizinha; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Felizmente terminou dirigindo-se a D. Maria, e dizendo na sua phrase do costume.

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem mãos bofes....

— Mãos bofes, atalhou o compadre já com calva muito vermelha, mãos bofes? ora esta...

O pequeno lançou do seu logar á vizinha um olhar fulminante, e que queria pouco mais ou menos dizer :

— Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse dirigindo-se á vizinha :

— Você tem-lhe raiva de mais; realmente a função da cera na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre: qual é a criança que faz travessuras? Isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno.

—Venha cá, Sr. travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, collocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém com com máo modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino, percebendo isto, não quiz perder occasião de fazer o quer que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé, e pizou-lhe com toda a força na barra da saia preta que ella conservava tendo tirando a mantilha. A vizinha, vendo-lhe o gesto, sem entender bem o que era, percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente: lá se forão alguns quatro palmos da barra da saia.

—Ah! disse o menino fingindo-se espantado...

—Valha-te, Deus, menino! disse a comadre.

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circūmstantes:

—Então é o que eu digo, ou não? Tem máos bofes!...

O compadre sorria-se disfarçadamente vendo a

vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

— Ora, disse a final D. Maria com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer....

O menino foi sentar-se, e a conversa proseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande divergencia entre o compadre e a comadre; esta não fallava senão na Conceição, e aquelle não fallava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar a sua opinião, disse :

— Pois olhem, se fosse comsigo, eu havia de pô-lo em um cartorio, e havia de fazer d'elle um bom procurador de causas.

— Oh ! não, respondeu o compadre; perdôe-me : Sr.^a D. Maria, perdôe-me se lhe offendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão, ellas dão-me que fazer, mais eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo, mandarão-me aqui citar....

E por ahi continuava, sem que ninguem sou-

besse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se porque a procissão approximava-se, e todos corrêrão ás janellas.

Isto deu fim á conversa, começou a desfilar a procissão, que realmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquecido esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives: as luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e taboletas cheias de ouro e prata em obra, com que os ourives nesse dia costumavão ornar os intervallos de sus casas, tinha um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de máo gosto. De tudo que levava a procissão, o que mais mereceu as honras do agrado dos devotos foi o rancho das Bahianas que o leitor já conhece, e o sacrificio de Abrahão, que ia representado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac: logo atrás d'elle um latagão vestido com um trage extravagante, com uma enorme espada de páo suspensa sobre a cabeça do menino; era Abrahão; um pouco mais atrás um anjo, suspendendo o furibundo gladio por uma fita de 3 a 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiravão-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno, D, Maria chegou-se a elle, e disse-lhe significativamente :

—Appareça que temos que conversar a respeito do pequeno....

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes, pois que, se tinha inimigos, achava tambem protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representára nesta historia.

CAPITULO XVIII

AMORES

Os leitores devem estar fatigados de historias de travessuras de criança : já conhecem sufficientemente o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometteu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realizadas algumas dessas esperanças. Agora começão historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sizudas.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clerigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista mettendo-o na Con-

ceição, a quem D. Maria queria fazer rabula arranjando-o em algum cartorio, e a quem emfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente ás inclinações que nelle descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu a peor possivel ; nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartorio algum; não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer : constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia por ver frustrado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir á sua vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha ; tanto fizera, que o Leonardo, pilhando a cigana em nova infidelidade, resolveu-se... e arranjou-se... Dessa época começou elle a viver socegado : o vento da idade começava a apagar-lhe as flammas de ternura.

D. Maria envelhecêra soffrivelmente, porém não perdêra de modo nenhum a sua mania favorita das demandas : a ultima que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais razoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sua sobrinha que ficára orphã por morte de um seu irmão. Este irmão tinha um compadre que não

gozava de boa reputação: ora, tendo a orphã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixára seu pai, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica e legitima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se tambem, e a final venceu: foi nomeada tutora, e veiu-lhe a sobrinha para casa: ella estimou isso, tanto tanto mais que a sua idade já a fazia precisar, ainda não de um apoio, porém de uma companhia.

D'aqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de baptismo: não nos occorre se já dissemos que elle tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando fallamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e accrescentaremos o appellido de pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quizermos tratar daquelle.

Leonardo havia pois chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se accode continuamente a fazer cocegas nos labios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha: o compadre, como a propria D. Maria lhe pedira, continuou a visita-la, e nessas visitas passavão longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhe perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que forão á casa de D. Maria, esta, assim que os viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente :

— Ora a final venci a minha campanha... veio hontem para o meu poder a menina... O tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

— Muitos parabens, muitos parabens! respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso; ha muito tempo que ouvia fallar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dous, D. Maria chamou por sua sobri-

nha, e esta appareceu, Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a belleza de moça: era alta, magra, pallida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as palpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabello cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita rôxa muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases inintelligiveis com voz rouca e sumida. Mal a deixarão livre, desappareceu sem olhar para ninguem. Vendo-a ir-se Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retirárão, riu-se elle' pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

— Então lembra-te della muito a miudo, por que muito a miudo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes fallou na sobrinha da D. Maria ; e apenas o padrinho lhe annunciou que terião de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou de contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por prompto.

Sahirão e encaminharão-se para o seu destino.

CAPITULO XIX.

DOMINGO DO ESPIRITO SANTO

Era esse dia domingo do Espirito Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máos, ainda essa festa é motivo de grande agitação ; longe porém está o que agora se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos, para que tivessem logar as novenas. O primeiro annuncio da festa erão as folias. Aquelle que es-

creve estas Memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Foliás, porém foi já no seu ultimo gráo de decadencia, e tanto que só as crianças como elle davão-lhe attenção e achavão nellas prazer; os mais, se dellas se occupavão, era unicamente para lamentar a differença que fazião das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura porém era costume, e ninguem vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto digamos sempre o que erão as Foliás desse tempo, apezar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os 9 dias que precedião ao Espirito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, sahião pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos *à pastora*; sapatos de cõr de rosa, meias brancas, calção da cõr do sapato, faixas à cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapêos de palha de abas largas, ou-forrados de seda, tudo isto enfeitado com grinadas de fiôres, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um ins-

trumento *pastoril* em que tocavão, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavão formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma música de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de *irmãos* de opa, levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quaes tiravão esmolos enquanto elles cantavão e tocavão.

O imperador, como dissemos, ia no meio; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual fazenda e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéo de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito Santo ao peito; caminhava pausadamente e com ar grave.

Confessem os leitores se não era cousa devéras extravagante ver-se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa musica dos barbeiros, tudo corria á jannella para ver passar a Folia: os irmãos aproveitavão-se do ensejo, e ião colhendo esmolos de porta em porta.

Emquanto caminhava o rancho, tocava a musica de barbeiros; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, can-

tavão ; as cantigas erão pouco mais ou menos no genero e estylo desta ;

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião.
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

Eis-ahi o que era a Folia, eis-ahi o que o compadre e o afilhado encontrãrão no caminho.

A este episodio dà Folia seguirão-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora, porém, voltemos aos nossos visitantes.

Chegarão elles á casa de D. Maria, e acharão ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria ; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se ; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita ; nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseial-a ; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteára-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que se estava nesse dia mais exquisita quanto ao todo,

podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes emfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalteravel silencio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito. Entretanto quem tivesse habito de observador fino, podia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido, para o lado do Leonardo.

D. Maria e o compadre conversarão segundo o seu costume.

Na occasião da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe:

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao Campo ver o fogo, bem podíamos ir todos juntos; quediz?

— Sim, podiamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me offerece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! levo, coitada: ella nunca viu o fogo; no tempo do pai nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de con-

tente : pareceu-lhe que desse modo teria mais occasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu ; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

— Pois ertão estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahirão.

CAPITULO XX.

O FOGO NO CAMPO

A' hora determinada vierão os dous, padrinho e afilhado, buscar D. Maria e sua familia, segundo havião tratado : era pouco depois de Ave-Maria, e já se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigião uns para o Campo e outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle : tropeçava e abalroava nos que encontrava ; uma idéa unica roia-lhe o miolo ; se lhe perguntassem que idéa era essa, talvez mesmo ò não soubesse dizer. Chegárão emfim mais depressa do que suppozera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noite ter azas nos pés, tão rapidamente caminhára e obrigára o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem também tratára ir de companhia, e em um momento puzerão-se a caminho. Formavão todos um grande rancho acompanhado por não pequeno numero de negras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavão cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizerão as outras senhoras aos demais cavalleiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo desse o braço a sua sobrinha; elle accetou a imcumbencia com gosto, mas não sem ficar alguma cousa atrapalhado, e deu na pobre alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço; porém Luizinha (tratemo-la desde já por seu nome) pareceu não entender o offerecimento ou não dar fé delle. Contentou-se pois o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegarão ao Campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavão as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros, como hoje: usavão-se apenas algumas que servião de casas de pasto. Depois de passarem por diante dellas, D. Maria e a sua gente

se dirigirão para o Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, diante daquelle espectaculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria: no tempo de seu pai raras ou nenhuma vez embasbacava a olhar para qualquer cousa, e o Leonardo muitas vezes via-se forçado a puxar-lhe pelo braço para obriga-la a proseguir,

Chegarão ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant'Anna, no lugar agora occupado por uma das extremidades do quartel de Fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descreveremos. Lá estava na sua cadeira o imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo extatica, e absorta. O Leonardo vendo isto sentio um não sei que por dentro contra o menino que attrahia a attenção de Luzinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atrás 6 ou 7 annos de sua existencia, e ser tambem imperador do Divino.

Nas escadas do Imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo ali apinhado com as graçolas pesadas do prégoeiro. Estiverão ahi algum tempo entretidos os nossos

conhecidos, e forão depois procurar no meio do Campo um lugar onde pudessem fazer alto para cear e ver o fogo. Achárão-no, não sem alguma difficuldade, pois que muitas outras familias se havião adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberta daquelles ranchos sentados em esteiras, ceando, conversando, cantando modinhas ao-som de guitarra e viola. Fazia gosto passear por entre elles, e ouvir aqui a anedocta que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavão. Era essa a parte (permittão-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentárão-se como os outros em roda de suas esteiras, e começárão a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde certo tempo, e principalmente naquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da cêa forão interrompidos pelo ronco de um foguete que subia : era o fogo que começava, Luizinha estremeceu, ergue a

cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiada ao ver cahir as lagrimas inflammadas do foguete que aclaravão todo o Campo :

— Olhe, olhe, olhe !...

Alguns dos circumstantes desatárão a rir ; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas, e as achou muito fóra de tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada, que não deu attenção a cousa alguma, e enquanto durárão os foguetes não tirou os olhos do céu.

Aos foguetes seguirão-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião a extasiada menina passou a phrenesi ; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoço por cima das cabeças da multidão, tinha desejos de ter duas ou tres varas de comprido para ver tudo a seu gosto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, fallava-lhe e communicava-lhe a sua admiração ! O contentamento acabou por familiarisarlá completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua

fosse eterna; virando o rosto, vio sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pela clarão pallido do mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiada; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se della e acha-la feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantárão-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzerão-se tambem em marcha para casa, guardando a mesma disposição com que tinham vindo. Desta vez porém Luizinha e Leornado, não é dizer que vierão de braço, como este ultimo tinha querido quando forão para o Campo, forão mais adiante do que isso, vierão de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leornado. Conversárão por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muito antigos, dous irmãos de infancia, e tão distrahidos ião que passarão a porta da casa sem parar, e já estavam muito adiante quado os *sios* de D. Maria os fizerão voltar. A despedida foi alegre para todos e tristissima para os dous. Entretanto, como sempre que se despedia, o compadre prometteu voltar, e isso serviu de algum allivio, especialmente ao Leo-

nardo, que tomára tudo o que se acabava de passar mais em grosso.

CAPITULO XXI.

CONTRARIIDADES.

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegára ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguem escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso : o rapaz ama. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a principio tanto desafiára a sua hilaridade por exquisita e feia, lhe viera depois a inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar : o facto é que elle a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pai se póde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo grande fortuna. E com effeito, logo depois da noite do fogo no Campo, em que as cousas co neçavão a tomar vulto, princ. p ou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos, Luizinha, uma vez extincto o enthusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentára na

noite do fogo, a acordára da sua apathia; voltára de novo ao seu antigo estado : e, como de tudo esquecida, na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria depois desses acontecimentos, nem para este ultimo levantára os olhos ; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levára depois daquella feliz noite a construir esses castellos de extravagante architectura com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome ; quando se viu assim tratado quasi desatou a chorar ; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois creceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito e chamal a quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um — que me importa ! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A primeira visita depois da noite do fogo seguirão-se muitas outras em que as cousas se passarão pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo veio porém um dia dar

outra côr e andamento aos successos ; foi o encontro dos dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia ha pouco chegado de uma viagem à Bahia. Figure o leitor um homemzinho nascido em dias de maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante, vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivella, capote e chapéo armado, e terá idéa do phisico do Sr. José Manoel, o recém-chegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não falhão, quem olhasse para a cara do Sr. José Manoel assignava-lhe logo um logar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva, porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos, e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos. Debaixo do mais futil pretexto tomava a palavra

e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou de beltraño.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia fallar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incansavel fallador ; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches ; em tempo de casada dizião suas cousas della, e a culpa tinha Pedro d'Aguiar sujeito que não gozava de boa nota, principalmente depois que se metteu ahi n'alhadá de um testamento falso que attribuirão ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bem capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de, D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra cousa delle, porque homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que tinha, é capaz de tudo Chegou a pôr pela porta fóra com um páo as pobres moças depois de as ter espancado desapiadadamente. Entretanto uma dellas foi foi bem feliz ; achou ahi um capitão de navio que tractou della ; as outras não, coitadas....

— Infelizes porque? acudia por acaso algum dos circumstantes ; ellas casarão...

— Casarão, sim, é verdade, retorquia elle tomando novo folego, porém com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Conheci-os a ambos, muito bem...

E por ahí proseguia e internava-se a perder de vi ta pela geração toda dos dous maridos, e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontrárão-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avisou de que ali havia um inimigo. Tão exagerados erão os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio declarou-se. D. Maria era, como disse-mos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse D. Maria, Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente e qualquer esperto que se achasse, como

José Manoel, em disponibilidade; este pois fazia a côrte á velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de si, e a idéa mais pacifica que teve foi que podia mui bem, quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço de José Manoel. Porém teve de aplacar-se e ceder ás admoestações do padrinho, que sabia de todos os seus sentimentos, e que os approvava.

CAPITULO XXII

ALLIANÇA

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se incommodava menos com isso; vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de manda-lo a Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo,

quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz que não se occupava em cousa alguma, e que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afillado para que ensaiasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio ; porém este recusava-se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia, por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma occasião em que nisso fallou diante d'elle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda : o rapaz tomára gosto á vida de vadio, e por principio algum queria deixa-la. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciume lhe occupavão a alma, não queria ouvir fallar em semelhantes cousas ; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais ; astuto como era, insinuava-se dextramente no animo de D. Maria, e a captivava com attenções de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veio-lhe uma idéa : era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e inte-

ressal-a no negocio ; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pol-o fóra de combaté ; gozava boa fama de ter geito para *essas cousas*. Com effeito mandou chamar a comadre e expoz-lhe tudo.

— Sim, respondeu ella ao ouvir a narração ; o caso é este ? pois está de cór o tal sujeito : hei de mostrar-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar a D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebêra elle que Leonardo e seu padrinho o não podião tragar, e mesmo que tinham segundas tenções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passára pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como promettêra, á casa de D. Maria, e achando lá José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle.

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou daquelle, a comadre murmurava, por exemplo ;

—Que lingua ! sáfa...

E com estas e outras ia pondo em relevo, sem

parecer que tinha tal intenção, o character do adversario.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um descaro como raras vezes se encontra. D. Maria, amiga de novidades, e além disso muito credula, commungava perfeitamente quanta pêta lhe queria elle embutir. Uma das historias mais communs era a que elle intitulara —*O naufragio dos potes*.—Acontecera-lhe na sua ultima viagem á Bahia, e elle a contava pelo modo seguinte:

« Estavamos quasi a chegar ao ancoradouro; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente ar-
ma-se um temporal que parecia vir o mundo abaixo; o vento era tão forte, que do mar, apezar da escuridão, vião-se contradançar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veiu uma onda tão forte e em tal direcção, que as duas embarcações esbarrarão com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal, que acabavão de supportar, não puderão mais resistir, e abrirão-se ambas de meio a meio: o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua carregação de potes; ficou o mar coalhado delles, em tão gran-

de quantidade os havia ! Os marinheiros e outros passageiros tratárão de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem ; porém o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive ; do pedaço do navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se d'agua desapareceu debaixo de meus pés ; porém isto não teve logar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e a todos os mais aconteceu a mesma cousa, porém servi-me do mesmo meio, e assim, como a força das ondas os impellia para a praia, vim de pote em pote até á terra sem o accidente ! »

Como esta contava José Manoel milhares de historias.

Foi tambem isso um thema de que se serviu a comadre para o desconceituar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quaes forão os resultados que alcançarão o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concorrente á Luizinha.

CAPITULO XXIII

DECLARAÇÃO

Emquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manoel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe fazião o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens, é verdade, porém que lhe parecião por instantes os mais solidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas; e soprando sobre a construcção, a arrazava n'um volver d'olhos.

Entretanto o que havia de notavel é que Luizinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veiu a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manoel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia

dizer que o triumpho era completo? Não havia ainda uma segunda campanha a dar contra a indifferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidiu-se a dá-lo em pessoa. Devia começar, como sabe de cór e saltado a maioria dos leitores, que é sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em fórma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira sahida é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha á cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto e aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém nessas occasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas que se apoderava d'elle, e que não lhe permittia levantar-se do logar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de

articular uma só palavra. Emfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse á boca.

Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua pela rotula, Leonardo approximou-se tremendo. pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua, atrás della, que, entretida para fóra, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia fallar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quize se tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahí não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a ná, poder mais. Emfim, um incidente veio tira-lo da difficuldade.

Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguem se approximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para trás, e soltou um —ah! — muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com elle diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rotula; veio-lhe tambem outro

—ah!—porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse á sala; os dous levárão algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenhabilmente:

— A senhora... sabe... uma cousa?

E riu-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom.

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada.... eu dizia...

Silencio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.

Luizinha fez-se côr de uma cereja ; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se approximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe dera, porém não de todo descontente : seu olhar de amante perceberá que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando ella desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).